ANO 17.º LISBOA—SEXTA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 1937 N.º 5402

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

NO dia 1.º de dezembro — dia de jubilo publico e festa nacional — a rua de Ponta Delgada, assim como outras que lhe são vizinhas, tiveram a visita de alguns guardas da Segurança Publica que se encarregaram de multar — 12$50 por cada auto de transgressão — os inquilinos cujos caixotes de lixo se encontravam sobre os passeios ou entornados.

O dia foi mal escolhido, pois, como todos sabemos, as semanas tem sete dias e geralmente á escolha da vigilancia policial. Aniversarios da Restauração, um em cada ano. Concordamos com tudo que represente higiene, liberdade de transito e guerra ao fatal microbio. Achamos bem que se multem os desmaselados, os teimosos contraventores de posturas, os despresadores das salutares recomendações.

Mas quem, depois de mandar colocar á porta, no bom sitio e na hora propria, o caixote do lixo, pode assegurar que não virá o trapeiro com o classico gancho, um animal vadio com a sua fome anarquica ou um garoto escapado á solicitude materna?

Ninguem em melhores condições para conter tais desmandos que o guarda de giro — unica entidade capaz de se fazer obedecer, sem replica nem protestos. Pois a rua de Ponta Delgada e as outras propinquas rarissimamente gozam de tamanho beneficio!

Passam-se semanas de inteiro abandono.

O rapazio atira barro ás paredes mais limpas, faz retinir as dormentes campainhas, organiza corridas de Marathona, enquanto os automoveis, entregues ao seu alvedrio, deslisam como flechas.

Que será preferivel — ousamos preguntar — policiar e depois multar, ou multar e... não policiar?

Chamamos a atenção do sr. comandante da Policia de Segurança Publica para este assunto, na esperança de que se dignará atender-nos.

* * *

NO proximo domingo, 5, realiza-se a repetição da visita dos socios do Grupo dos «Amigos de Lisboa» a S. Vicente de Fora, igreja, mosteiro e antigos Paços, e que há meses foi de certo modo prejudicada pela avalanche de visitantes. A visita é por cartões de convite, sendo admitidos os professores, artistas, escritores, militares, comerciantes, funcionarios, que frequentaram o Colegio Patriarcal e 1895 a 1903. Estarão patentes os Panteões Real e Patriarcal, os Paços, hoje Liceu de Gil Vicente, a famosa «Portaria», capelas antigas, etc.

A visita ainda desta vez é dirigida por um dos vogais da Junta Directiva, Norberto de Araujo, aparecendo nessa ocasião á venda uma «Pequena Monografia de S. Vicente», volume de 100 paginas cuja edição o seu autor ofereceu com todos os direitos ao Grupo «Amigos de Lisboa».

Que unhas!

O artigo principal de «The Times», com a data de 29 de novembro, encerra alguns avisos preciosos ás nações que se consagram á obra imprudente e nefasta de querer rodear de espessos muros impenetraveis outras nações, bastante fortes, no entanto, para não aceitarem de bom animo um tratamento tão antipatico.

Escusamos de citar nomes que os nossos leitores percebem de quem se trata. Não podemos deixar de fazer nossa tão excelente doutrina, visto que, além de portugueses com o ardente amor da Patria, somos europeus a quem muito apráz manter relações fraternas com os povos que honram a ciencia, o pensamento, o trabalho, a justiça e a cortezia.

A Inglaterra, a França, a Alemanha, a Italia e a Espanha merecem as nossas predilecções pelo muito que representam na constituição do patrimonio mental, moral e artistico de que se nutrem os principios diretores do mundo moderno. Se reputamos injusta a tendencia que, de vez em quando, se manifesta nas relações internacionais, com o mau intuito de emparedar os supostos empestados, muito menos apreciamos o proposito descortêz de marcar nitidamente a destinção entre grandes e pequenos, com a idéa preconcebida de submeter estes a um regime de tutoriato.

Parece-nos que devem ser postas de parte como atrabiliarias sa categoria de vencedores e vencidos, bem como as de potencias de primeira, segunda e terceira ordem. O importante—eis uma base segura para classificar — é averiguar quem é honrado e quem o não é, quem cumpre os seus deveres para com a sociedade internacional e quem faz o contrario, quais são os violadores das normas da equidade e do respeito devido ás nobres acções e altos feitos.

Assim, por exemplo, admitir, mesmo por hipotese, que as colonias da Belgica e de Portugal hão-de servir para que os enormes mastins regulem pacificamente os seus conflitos e divergencias, encerra uma contradição flagrante, uma clamorosa violencia, contra os desejos de paz e concordia apregoados na hora efusiva dos discursos e brindes.

Porque é que o dr. Schacht não sugeriu que os holandeses contribuissem para a faustuosa imolação de inocentes que, por mais duma vez, defendeu?

Provavelmente por entender que seria crueldade derramar o sangue duma nação tão vizinha e prima da Alemanha que esta não lhe sofreria as lagrimas e os clamores sem uma singular comoção. Portugal e a Belgica desviavam-se para remoto plano — bastante longe da zona onde o ilustre dr. Schacht cultiva os seus lirios e assucenas.

Contra qualquer ataque aos nossos territorios, metropolitanos ou coloniais, unidos intimamente na fé do Imperio, os portugueses conhecem um dever e uma opinião — confiar ao governo e dar-lhe o seu apoio. Em tempos que não vão longe, uma revista colonial germanica afirmou que a nossa situação, no Ultramar, é diferente e superior á das outras nações, pois nós descobrimos terras, criámos nelas a colonização que serviu de modelo aos que vieram depois, ajudando e educando os indigenas.

Quem se compara comnosco?

Dê-se á Alemanha o que ela reclama simplesmente, sem pôr ás costas de outrem sacrificios que lhe não cabem. Do formidavel esfôrço dos nossos antepassados que temos continuado, á custa de perigos afrontados e de heroismos cometidos, ninguem pode dirigir-nos criticas ou remoques com o proposito reservado e mal intencionado de esbulhar-nos duma herança secular. Só nós podemos julgar-nos, porque temos para isso autoridade, isenção e competencia.

VÃO assistir ás comemorações do IV aniversario da Universidade de Coimbra os seguintes membros do Corpo Diplomatico: embaixador do Brasil e Mme. Araujo Jorge; ministros da Belgica e condessa Lichtervelde, da China e Mme. Leo, da Alemanha e baronesa Hoyningen-Heune, de França e Mme. Amé-Leroy, da Dinamarca e Mme. Boeck, da Italia e Mme. Nameli, da Polonia e Mme. Dubicz-Peulher, dos Paises Baixos, dos Estados Unidos da America e Mme. Pell, da Argentina, do Sião e Mme. Nukara; Encarregados de Negocios da Finlandia e Mme. Winckelmann, da Hungria, do Japão e Mme. Omori, da Romenia, de Cuba e Mme. Arce, da Suiça e Mme. Redard, da União Sul Africana e Mme. Theron do Chile, e Mme. Vargas, de Inglaterra, da Suecia e baronesa Rappe e da Santa Sé.

Como temos noticiado fazem-se representar cêrca de cento e cinquenta universidades e altos Institutos de Cultura da Europa e America. Entre os diplomatas e figuras destacadas da vida internacional que irão a Coimbra, sem representação universitaria, contam-se o Duque de Alba.

Na semana comemorativa pode dizer-se que todas as Faculdades, Institutos, Escolas Superiores, Academias, Associações culturais de Portugal se transferem para Coimbra, com centenas de representantes, reitores, directores, professores e conservadores.

Além dos hoteis de Coimbra, os da Curia e do Buçaco estão a ser tomados.

Os sabios e professores estrangeiros começam a chegar no dia 4. O sr. Presidente da Republica chega ao meio dia de terça-feira, 7. O sr. Cardial Patriarca e o sr. ministro da Instrução chegam a 6.

* * *

O DR. Vasco da Gama Fernandes publicou, na «Biblioteca dos Ensaios de Vulgarização Cultural», um trabalho com este titulo — «O Problema do Extremo Oriente». Não se esquece facilmente a impressão que nos deixa a sua leitura, pois estuda, com espirito desanuveado e penetrante, a série de quesitos que o renascer dos povos orientais propõe á nossa atenção.

— «Nestas condições o problema complexo do Extremo Oriente é, sem duvida, um problema de cultura, pelos ideais que se batem e pelas civilizações que se erguem voluntariosas na luta apocalitica.

Observá-lo neste cantinho da Europa — desta Europa que no conflito distante tem tremendas responsabilidades pela furia materialista da sua internacional de armamentos — parece-nos proposito louvavel e, assim, aqui ensaiamos parcamente a sua interpretação».

Todo o livrinho se consagra a demonstrar nos seus capitulos que o autor compreendeu a magnitude do assunto encarando-o não como amador, mas sim como estudioso e conhecedor.

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 12 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

NOTICIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

«Lição de Patriotismo»

O sr. dr. João Rigueira, prestigioso reitor do Liceu Bissaia Barreto, desta cidade, fez hoje, quando se celebrava a data do 1.º de Dezembro uma conferencia que mostrou quanto vale o seu espirito de professor estudioso e os seus sentimentos de bom português.

Chamou ao seu trabalho, «Lição de Patriotismo», e o assunto, esplanado com um notavel equilibrio e verdadeira emoção patriotica, serviu para nos mostrar a sensibilidade do orador.

A emoção patriotica a que aludimos, não significa aquela extriorização verbal que tem muitas vezes alicerces postiços, e que lembra, pela falta de verdade que a reveste, passagem dramatisada ou eloquencia vazia de idéas, tendente, quasi sempre, a arrastar multidões de pasmados. Não. O sr. dr. João Rigueira, na sua «Lição de Patriotismo», foi o honesto professor que, dizendo aos seus alunos o significado duma das mais brilhantes datas da nossa Historia, o fez com sinceridade notavel.

Dessa sinceridade, aliada á maneira simples de expôr, e á puresa dos sentimentos, resultou a emotividade que transpareceu nas palavras que foram tão merecidamente aplaudidas.

CARLOS SOMBRIO

A comemoração do 1.º de Dezembro

No Liceu local, independente da conferencia do sr. reitor, tambem o professor de moral sr. padre Lourenço Pobrinhos fez uma interessante alocução patriotica, sobre a data historica que se celebrava. Varios alunos recitaram poesias alusivas, sendo a festa rematada com o orfeão do Liceu que cantou: a «Portuguesa», Hino da Restauração, da Mocidade e da Paz. Foi a seguir servido nos jardins do Liceu um almoço aos alunos.

Na Academia Figueirense realizou o sr. padre Eugenio Martins, professor do colegio, uma magnifica conferencia sobre o tema: «Evocação Historica». Foi presidido pelo sr. general Jacinto Fisker. Alguns alunos recitaram, tendo o Orfeão do colegio cantado varios numeros.

As Escolas Primarias Oficiais reuniram-se na «Conde de Ferreira». Fizeram a continencia á bandeira nacional; a seguir ouviram uma missa comemorativa, tendo nesse momento subido ao pulpito o sr. padre Lourenço Pobrinho que fez uma brilhante alocução sobre o significado do dia. A bandeira nacional foi hasteada junto do altar-mór, enquanto as crianças faziam a continencia.

Na escola, finda a cerimonia religiosa, perante o professorado e alunos, o professor sr. Rui Fernandes Martins tambem falou sobre a data que era comemorada, tendo apresentado um magnifico trabalho.

Desporto

No primeiro jogo da 2.ª volta do campeonato de «football» de Coimbra, realizado nesta cidade, o União de Coimbra venceu a Naval da Figueira por 2-0.

Falecimento

Faleceu nesta cidade o sr. dr. Artur Teles Meneses, que foi em tempo director da Escola Agricola de Coimbra. Faleceu com 70 anos e era natural de Portalegre. Deixou varios livros de versos.

Um caso de intuição

VIANA DO CASTELO, 2.—Na galeria do Sport Club Vianense abriu a sua primeira exposição de desenhos Antonio Alves, que apresenta trinta e três trabalhos a lapis e giz de cores, representando os grandes temas de arquitectura monumental vianenses: solares, patios, fontes, ruas pitorescas, etc. A exposição tem sido muito visitada, e adquiridos muitos dos desenhos.

Antonio Alves, que conta 20 anos de idade, desenha apenas por intuição e nunca teve professores, nem qualquer curso de aperfeiçoamento.

CONFERENCIAS

O sr. tenente-medico dr. Diogo Furtado, chefe do serviço de neurologia e psiquiatria do Hospital Militar Principal de Lisboa, realiza esta noite, pelas 21 e 30, naquele estabelecimento uma conferencia subordinada ao titulo «A emoção e a guerra».

Komol

Pinta os cabelos em 15 minutos

E' s/representante:

M. CABRAL

Av. Almirante Reis, 166, r/c dto.

TELEF. 4 6865

Uma homenagem

ODEMIRA, 1. — Foi vibrante a homenagem tributada ao delegado procurador da Republica desta comarca, dr. João Barreto Valeriano, que soube conquistar as simpatias do povo deste concelho pela maneira imparcial como exerce o seu espinhoso cargo, norteado por um alto espirito de equidade e um raro aprumo moral e uma lealdade inquebrantavel.

No seu gabinete reuniu-se um numeroso grupo de amigos, que foi manifestar-lhe o grande apreço e amizade e apresentar-lhe as suas despedidas, oferecendo-lhe uma singela recordação como testemunho de admiração pelas suas altas qualidades. Discursaram os srs. dr. José Marques do Carmo, dr. Francisco Nobre Ribeiro, dr. José Paulo Serrão Marreiros, dr. Domingos Urzale, dr. Luiz Sobral e sr. José Faustino da Silva.

O dr. João Barreto Valeriano agradeceu a grandiosa manifestação de que foi alvo.

VISITA DO CHEFE DO DISTRITO

á Liga Nacional de Defesa dos Animais

No proximo domingo, 5 do corrente, pelas 16 horas, o sr. governador civil de Lisboa visitará a Liga Nacional de Defesa dos Animais, instituição declarada de utilidade publica, a-fim de assistir á cerimonia que o seu Conselho Directivo lhe oferece, em virtude de ter tambem a honra de o contar desde ha muito como seu socio efectivo e benemerente.

Fará a guarda de honra um grupo de escoteiros e o Grupo Infantil «Defensor dos Animais». Abrilhanta a festa a banda dos alunos da Escola Agricola de Paiã, os Novos de Portugal, Escola Luiz de Camões e ainda varios componentes da «Mocidade Portuguesa». A cerimonia é publica.

Hora de Arte em Leiria

E' hoje sexta-feira, á noite, que se realiza em Leiria a 1.ª Hora de Arte desta época, e que será feita sobre o tema «Saudade». Nela tomam porte, como já dissémos, a pianista D. Maria Manuela Camolino de Sousa, a poetisa D. Graciete Branco, o nosso colaborador Carlos Sombrio, que abrirá o serão, o violinista Ernesto Henriques e o tenor Guilherme Kjoner.

A Hora de Arte será retransmitida pela Emissora Nacional.

Natal do combatente

Como nos anos anteriores a agencia de Lisboa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, com a valosa colaboração da Secção Auxiliar Feminina, está trabalhando na obtenção de varios artigos para a realização do Natal do Combatente. Na secretaria daquele nucleo acha-se aberta a inserição, das 11 ás 17 horas, para combatentes, viuvas e orfãos filiados e considerados necessitados.

A Liga mais uma vez comunica aos interessados que se acha á venda pelo preço de 1$50 a Agenda do Combatente, onde constam os descontos que varias entidades concedem nas compras realizadas mediante a apresentação do cartão de identidade e da cota anterior ao mês em que fôr realizada a compra. As empresas teatrais, Coliseu dos Recreios, teatros Maria Victoria e Variedades continuam a conceder ás sextas-feiras 50 0/0 de descontos nas suas entradas.

Lisboa Gimnasio Clube

No proximo sabado, dia 4, realiza-se no Lisboa Gimnasio Club um sarau seguido de baile, Por especial deferencia tomam parte nesta festa os artistas sr.as Corina Freire, Guilhermina Paiva, Maria Fernanda, Tereza Gomes e os srs. Octavio de Matos, Alvaro de Almeida, Celestino Ribeiro e Daniel Martins.

Para o baile foi contratada a orquestra «Continental».

DESASTRE DE VIAÇÃO

Na sala de observações do Hospital de S. José, deu hoje entrada com uma perna fracturada, Fernando da Costa Rodrigues, de 7 anos, travessa das Necessidades, 11 r/c., que proximo da sua residencia foi atropelado por um automovel.

VIDA DIPLOMATICA

O novo embaixador inglês em Lisboa «sir» Walford Selby chega no proximo dia 14, vindo de Londres.

?

O CLARIM DA FELICIDADE
Brevemente
nas Avenidas Novas
Não esqueça isto!

FOLCLORE NACIONAL — FADO — MUSIC-HALL — MUSICA PORTUGUESA

"O RIALTO"

(Em Alcantara)

Inaugura na proxima quarta-feira, 8 do corrente, os seus sensacionais e brilhantissimos espectaculos de Folclore Nacional — Fado — Music-Hall e Musica Popular Portuguesa, sob a direcção do **extraordinario artista e grande poeta**

ANTONIO BOTTO

que escreveu para estes espectaculos formosissimos versos de recorte original

DUAS ORQUESTRAS:

A Orquestra Tipica Algarvia sob a direcção do ilustre compositor e maestro JOÃO NOBRE

A Orquestra de Guitarras dirigida pelos distintos professores Casimiro Ramos e Georgino de Sousa

GUILHERME KJOLNER

no seu maravilhoso repertorio classico e moderno

ERCILIA COSTA

A alma vibrante do eterno Fado

Danças Regionais. Coimbra, nas suas serenatas de paixão

O ressurgimento das nossas lindas melodias populares

Pela Primeira vez em Lisboa esta formosa iniciativa é posta em pratica para que toda a gente possa ouvir e aplaudir os lindos motivos musicais de todas as Provincias de Portugal.

Baile no amplo salão

Reservam-se mesas. Preços acessiveis a todas as pessoas sem obrigação de consumo.

Telefone 6 0384

Serviço de electricos permanente. Taxis: Estacionam em frente do edificio do "RIALTO".

Todas as noites novos fados e novos versos

O espectaculo mais português, mais atraente e mais belo da actualidade

O dia religioso

AMANHÃ, 4. — S. Pedro Crisologo, bispo, confessor e doutor.

Lausperene, sai da capela dos Milagres, á Estrela, para a igreja de S. Nicolau.

Capela dos Milagres, á Estrela, ás 11 e 30, missa de reposição e benção.

S. Nicolau, ás 11 e 30, festa a Santo Agostinho, por musica; ás 21, Triduo a Senhora da Conceição, por musica e pratica.

Capela da Saude, ás 18, Terço e ladainha, por musica.

Novena a Nossa Senhora da Conceição, por musica: Carmo, ás 9; Sacramento e Ordem Terceira, a Jesus, ás 17; Loreto, ás 17 e 30; S. Mamede, Socorro, S. Domingos, S. José e Conceição Nova, ás 18; Santos-o-Velho, ás 18 e 30; Encarnação e Sacramento, ás 19; Conceição Velha, ás 21.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D Mariana do Carmo da Camara Pinto Coelho, D. Barbara Tavares Proença Vaz Preto, D. Candida Cerqueira Dantas Rodrigues, D. Maria Julia Ressano Garcia, D. Sara de Penha Soleiro, D. Julia Mimoso Guerra e D. Maria Fernanda Meira Barbosa Gonçalves.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Julieta Caldeira Marques da Costa, esposa do nosso presado colega do «Diario da Manhã» sr. José Maria Marques da Costa Junior. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

—Teve um parto feliz, na Maternidade Alfredo da Costa, a sr.ª D. Maria Amalia Pestana Sanches Vaz Pardal, esposa do sr. dr. Ulisses Vaz Pardal, de Alcains. Foi medico assistente o sr. professor dr. Augusto Monjardino. Mãi e filho estão bem.

CASAMENTOS

Com a maior intimidade devido ao luto, recente da noiva, celebrou-se na paroquial de S. Jorge em Arroios, o casamento da sr.ª D. Maria Aldegundes de Saldanha da Gama de Cabedo (Zambujal), gentil filha da sr.ª viscondessa de Zambujal e do falecido visconde do mesmo titulo, com o sr. Manuel Maria Alua de Simas, filho da sr.ª D. Inez Catarina Travassos Alua de Simas e do sr. dr. José Maria de Simas, servindo de madrinhas a irmã da noiva sr.ª D. Maria Helena Cabedo Rodrigues de Sousa e a mãi do noivo e de padrinhos os srs. D. Eduardo Guedes de Queiroz (Foz) e D. Sebastião de Oliveira de Almeida Calheiros Lancastre, sendo o acto presidido pelo reverendo prior conego dr. Martins Pontes, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade por intermedio da tia do noivo reverenda Madre Inês da Conceição Castro Simas, dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimonia foi servido um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande numero de artisticas e valiosas prendas.

A CARIDADE

Chá «mah-jong»

Uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que já ha alguns anos proteje a obra de Auxilio a Doentes Pobres, com a qual gasta semanalmente perto de trinta contos, precisando agora aumentar os seus fundos, pois nesta época de inverno, os doentes precisam ainda mais de auxilio, resolveu levar a efeito um chá «mah-jong», «bluff» e «bridge», no proximo dia 11 do corrente, nas salas do Avenida Palace gentilmente cedidas para esse fim. Os bilhetes podem ser pedidos pelo telefone 2 1524 sendo o preço, incluido o chá de 20$00.

A comissão espera que todos a queiram ajudar nesta obra de caridade, como têm feito nos anos anteriores.

EM VIAGEM

A convite das senhoras da secção feminina da Falange Espanhola, encontra-se em Vigo, a sr.ª D. Mara Tereza Bracourt Pestana de Vasconcelos, filha da sr.ª D. Maria Bracourt Pestana de Vasconcelos e do nosso amigo coronel sr. Pestana de Vasconcelos, antigo consul de Portugal, naquela cidade.

Este Chá sem rival é muito apreciado pelo seu finissimo aroma e delicioso paladar.

A' venda nos bons estabelecimentos de todo o País.

CHA' LI-CUNGO
QUALIDADE EXTRA-FINA

Contra entrega de invólucros que representem o consumo de três quilos de Chá Li-Cungo entregaremos um LINDO BULE.

COMPANHIA DA ZAMBEZIA

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Lisboa vai ter uma nova arteria: «A avenida dos Milhões» que será inaugurada, pode dizer-se, na proxima segunda-feira no Tivoli. E' um filme de loucura americana, verdadeiro torvelinho de dansas, de canções, de mulheres bonitas, com uma «mise-en-scéne» esmagadora de deslumbramento. Broadway em delirio numa invasão coruscante de luzes, sob uma chuva de estrelas, estonteatnte de sorrisos galantes —tal é esta excitante e trepidante «Avenida dos Milhões».

«Férias da Pascoa», esta noite, no teatro Nacional

No teatro Nacional sobe esta noite á cena a comedia de Romain Coolus, «Ferias da Pascoa», traduzida por Norberto Lopes, cuja estreia é aguardada com a mais viva curiosidade. Um dos grandes atractivos do desempenho consiste no «travesti» que Maria Lalande vai interpretar, no papel dum rapazinho de catorze anos, vivo e precoce, duma sensibilidade invulgar e duma grande vibração dramatica. «Ferias da Pascoa» é um pouco o drama dos filhos que não têm pai, a tragedia intima duma criança que nasce num ambiente pouco reco-

MARIA LALANDE

mendavel para a sua educação. A obra, no entanto, tem intuitos moralizadores. E' mesmo uma grande lição de moral que não se deve perder e um caso que se pode generalizar a todas as crianças nascidas nas mesmas condições. Nesta comedia de Romain Coolus, a emoção alterna com o bom humor. E', sobretudo, uma peça de espirito, de fina ironia, daquela ironia que caracteriza o Teatro francês, de que o nosso publico já deve ter saudades, porque há muito tempo que não se representa em Lisboa uma peça francesa. Quando esteve há dois anos em Portugal, conversando com Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, Romain Coolus manifestou o desejo de os ver representar «Ferias da Pascoa», uma das suas peças de maior exito e aquela por que ele tem um carinho mais assinalado. Preguntou, então, qual seria a actriz mais indicada para interpretar o papel do pequeno. Sugeriram-lhe o nome de Maria Lalande. Quis conhecê-la. Viu-a, conversou com ela e, quando se despediu, ficou assente que Maria Lalande criaria as «Ferias da Pascoa» em Portugal. Dos outros dois papeis femininos encarregaram-se Lucilia Simões e Amelia Rey Colaço, que vão fazer deles duas brilhantes criações, e dos principais papeis masculinos, que nesta peça têm igual importancia, Robles Monteiro, Raul de Carvalho e Samwel Diniz, actores conscienciosos e seguros, que contribuem para um notavel conjunto de representação.

«Ferias da Pascoa» tem a seguinte distribuição: «Margarida Fortin», Amelia Rey Colaço; «Luciana», Lucilia Simões; «Mario Fortin», Maria Lalande; «Berta», Maria Brandão; «Henrique Chanterel», Robles Monteiro; «Paulo Joncourt», Raul de Carvalho; «Inacio Mouton», Samwel Diniz; «Dr. Blanchet», Vital aos Santos; «Luiz», Pedro Lemos.

Realiza-se hoje, no Avenida, a «premiére» da «Escola de Mulheres», original de Maria Matos

No Avenida ás 21 e 30 horas, sobe o pano deste teatro para se efectuar a primeira representação do novo original da grande actriz e escritora Maria Matos, «Escola de Mulheres», comedia em 3 actos, cuja acção se passa, nos seus três actos, no mesmo dia, de manhã, á tarde e á noite, tendo como interpretes, além da sua autora, os artistas Maria Helena, Laura Fernandes, Maria Salomé, Rosina Rego, Assis Pacheco, Luiz Filipe, Joaquim Prata, Antonio Palma e José Monteiro.

Desafiando a morte, esta noite, no Coliseu

E' no Coliseu que os nervos do publico mais vibram ante os trabalhos da Companhia de Circo. E atingem o mais alto grau de emoção vendo os 2 Cromwells, a 30 metros de altura, executando o que diriels impossivel.

Aproveitem os ultimos espectaculos da companhia, até ao dia 10. Novidades todas as noites. Preços sem competencia. Amanhã (sabado): «matinée».

Atrás do reposteiro

Por necessidade de mais alguns ensaios, a estreia, no Variedades, da revista «Olaré, quem brinca!» foi marcada para a proxima quarta-feira, 8, em duas sessões.

—E' possivel que já na proxima 2.ª feira comecem os ensaios, no Apolo, da nova peça que se seguirá no cartaz á actual revista «Pão Saloio».

—Na escolha do repertorio da Companhia Adelina-Aura Abranches, quasi todas as empresas onde esta vai realizar espectaculos têm dado preferencia á peça de Julio Dantas, «A Severa».

—Eduardo Cêrca, secretario-gerente da Empresa José Loureiro, que tem estado doente, experimentou ontem apreciaveis melhoras.

—Chegou ante-ontem a Lisboa a companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha que, após alguns dias de descanso, iniciará os preparativos para a sua «tournée» ás ilhas da Madeira e Açores.

—Procopio Ferreira e todos os artistas da sua companhia prestaram em S. Paulo, numa grande festa, uma bela homenagem a Beatriz Costa e a todos os elementos da companhia de que esta artista é titular.

—Iniciaram-se, ontem, no Trindade, os trabalhos preliminares para a representação naquele teatro, da peça de grande espectaculo «Maria Antonieta», que, nos seus nove quadros, se apresentará enquadrada em novos cenarios e vestida com a indumentaria propria da epoca.

—Estreia-se hoje, no Sá da Bandeira do Porto, pela companhia do Variedades, a revista «O Cartaz de Lisboa».

—O declamador Rebelo de Bettencourt, que há dias se fez ouvir no «Gremio dos Açores», com grande exito, ao lado de D. Conceição Ramalho, deve exibir-se novamente, numa tarde de arte, num dos melhores salões de Lisboa e, em seguida, deve aparecer ao grande publico, em fim de festa, numa das nossas principais casas de espectaculos.

—A seu pedido, desligou-se da companhia do Eden, antes da estreia da revista «Balancé», a actriz espanhola Laura Puchol.

—Até 10 anos de idade, todas as crianças que se apresentem acompanhadas pelas suas familias, têm entrada gratuita na «matinée» de amanhã, no Coliseu.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Ferias da Pascoa».
Apolo—A's 20 e 45 e ás 23—«Pão Saloio».
Avenida—As 21 e 30—«Escola de mulheres».
Coliseu—A's 21 e 30—Nova Companhia de Circo.
Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Balancé».
Trindade—A's 21 e 30—«Grades floridas».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Capitolio—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Lys—A's 21 e 15.
Odéon—As 21 e 15.
Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.
Palacio—A's 21 e 30.
Royal—A's 21.
Rex—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

MUSICA

Sociedade Coral de Duarte Lobo

A Sociedade Coral de Duarte Lobo, que inicia a sua série de concertos desta temporada no dia 20 do corrente, soleniza, pela primeira vez, este ano — oitavo da sua existencia — a abertura dos seus trabalhos anuais, para a qual foram convidados os seus colaboradores e amigos.

Esta festa, especialmente dedicada á musica portuguesa, constará de duas partes: A primeira, destinada ao programa literario, será constituida por uma alocução alusiva do sr. dr. Ivo Cruz, director da Sociedade de Duarte Lobo, e pela tradicional «oração de sapientia», da qual foi incumbido o sr. Sebastião Cardoso, colaborador do referido organismo, que versará o tema: — «Nacionalismo musical» — genese e expressão. A segunda parte será preenchida pela audição de obras vocais portuguesas, estando representados, no respectivo programa, os compositores João Arroyo, Rui Coelho, Luiz de Freitas Branco, Francisco de Lacerda, D. Laura Wake Marques, Mario de Sampaio Ribeiro, dr. Ivo Cruz, Claudio Carneiro, Fernando Lopes Graça e Jorge Croner de Vasconcelos.

Esta parte do programa será interpretada pelas distintas cantoras sr.as D. Maria Adelaide Pereira Leite e D. Olga Violante, estando os acompanhamentos a cargo do pianista Carlos Manaças e de alguns dos compositores. A sessão efectua-se nas salas do Sindicato Nacional dos Musicos, na antiga Liga Naval, travessa das Mercês, 3, amanhã, sabado, 4, pelas 21 e 30.

Opera e concerto sinfonico, amanhã á noite, no teatro do Gimnasio

E' finalmente amanhã, sabado, que se realiza no teatro do Gimnasio o espectaculo em que o maestro Rui Coelho faz a comemoração de vinte anos de campanha pela opera nacional. E' um espectaculo de excepção, absolutamente inédito para Portugal, porque é a primeira vez que um compositor festeja vinte anos duma campanha nacionalizadora da opera portuguesa. O espectaculo de amanhã á noite não se repete. O publico, que manifestou já o seu grande entusiasmo apressando-se a adquirir os lugares, não quere perder a ocasião de manifestar o seu grande apreço pelo maestro Rui Coelho, que se apresenta agora pela primeira vez depois do seu grande exito em Paris. O programa compõe-se duma parte de concerto e outra de opera. A opera é «Crisfal», em um acto e três quadros, com o famoso libreto de Afonso Lopes Vieira. São interpretes: «Maria», D. Isabel Pêgo Bergström (soprano); «Crisfal», Edgard Duarte de Almeida (barítono); «Noviças», D. Vitoria Lopes da Silva, D. Alda Correia de Sá e D. Floresbela de Ornelas (sopranos). A parte de concerto é composta com as melhores obras de Rui Coelho: I, «Abertura comemorativa da chegada dos portugueses á India», (1.ª audição da nova versão). II, «Alcacer» (quadros sinfonicos). III, «Rondó Alentejano». IV, «Tempestade» da opera «Tá-Mar». V, «Entrada de Belkiss em Jerusalem». Toma parte neste espectaculo a Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional. Os bilhetes estão amanhã á venda na bilheteira do teatro, desde as 11 horas.

Premio Artur Malheiros

A Academia das Ciencias de Lisboa instituiu um premio cientifico anual denominado «Premio Artur Malheiros», do valor de cinco contos, destinado a estimular em Portugal o progresso das ciencias matematicas, fisico-quimicas, historico-naturais, médicas, juridicas e economico-administrativas.

O premio anual é garantido por 200 obrigações do emprestimo de consolidação de 6 1/2 por cento, no valor nominal de 100 contos, e por seis titulos de dez obrigações do emprestimo de 3 3/4 por cento, no valor nominal de 60 contos.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — A's 21 e 15 — Telef. 2 7172 — 2.ª semana — **TERRA BENDITA** — com Paul Muni e Luize Rainer — O desafio Portugal-Espanha

TIVOLI — Os Reis de Paris — espirituosa comedia com Raimu, Jules Berry e Fernandel — TELEF. 5 0595

CENTRAL TEL 24361 — Soirée ás 21 e 30 — Revista Maravilhosa de 1937 — com Dick Powell, Joan Blondell, Victor Moore, Glenda Farrell, etc.

CONDES — A's 21 e 30 — TEL. 22523 — 2.ª semana — O Homem da Sorte — espirituosa comedia com Lucien Barroux, Marie Glory e Christiane Deline

ODEON — A's 21 e 30 — Telef. 2 6283 — Um ladrão na noite

PARIS — Tel. 6 2230 — A's 21 h. — 2.ª semana — MARIA PAPOILA — A Escrava do Marajá

PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163 — um filme de Franck Borzage com Charles Boyer e Jean Arthur

REX — Telef. 3 9656 — A's 21 e 15 — Recambole — Vida Parisiense — Canção Nacional pelos cantadores do Retiro da Severa.

CAPITOLIO — Tel. 27493 A's 21 — A Inglaterra em chamas — Canta, Bandoleiro, canta

LYS — Telef. 4 8560 — O Rei e a Corista — Mulher perigosa

TERRASSE — Tel. 2 0917 — O Rei e a Corista — Mulher perigosa

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — Noites de Fogo

APOLO — HOJE: DUAS SESSÕES — A's 8,45 e 11 horas — A UNICA REVISTA POPULAR DE LISBOA — A preços popularissimos — **Pão Saloio** — DOMINGO: Ultima «matinée» com brindes ás crianças, que têm entrada gratis — e DUAS SESSÕES

TRINDADE — HOJE: A's 9,45 horas — A peça-exito da actualidade — **GRADES FLORIDAS** — Protagonista: Palmira Bastos — DOMINGO, 5: Ultima "Matinée" ás 3 1/2 horas — "Soirée": A's 9,45 horas

?

LE CLARION DU BONHEUR
Tout de suite
dans les Avenues nouvelles
N'oubliez pas!

2 0 7 6 8

Telefone já a marcar o seu bilhete para a grande e formidável revista

BALANCÉ

em cena no

EDEN TEATRO

Domingo: "Matinée" ás 15,30

A viagem de Delbos à Europa oriental

A sua passagem pela Alemanha o ministro francês conversou com o ministro dos Estrangeiros do Reich

BERLIM, 3.—Delbos atravessou de manhã esta capital a caminho de Varsovia. O comboio parou na estação de Zoo, onde André Poncet, embaixador de França, subiu, devendo acompanhar o mniistro dos Estrangeiros até Francfort no Odor. A segunda paragem do comboio foi na estação de Friedrichstrasse, onde o ministro foi cumprimentado pelo embaixador da Polonia e pelo encarregado de Negocios da Checo-Eslovaquia. O comboio teve uma terceira paragem na estação da Silesia, onde se encontrava o ministro dos Estrangeiros do Reich, que subiu para a carruagem de Delbos, com quem esteve conversando durante 15 minutos. Os dois ministros e o embaixador prestaram-se amavelmente ás exigencias dos fotografos. Um destes partiu uma lampada de magnesio. Delbos voltou-se para Von Neurath e disse-lhe, sorrindo: «Em França diz-se que isto dá sorte». Quando o comboio partiu, Von Neurath saudou o ministro francês á hitleriana.—(Havas).

Coronel Beck, ministro dos estrangeiros polaco

VARSOVIA, 3.—A Imprensa polaca, anuncia com saudações a chegada de Delbos que os representantes do governo polaco vão esperar ás 16 e 30 horas.

O jornal oficioso, «Gazeta Polska», escreve: «A França e a Polonia aplicam um metodo diplomatico vivo, inaugurado por Barthou. Só os acôrdos nascidos duma colaboração positiva, acôrdos bilaterais e simples cujos fins são tão claros como os da aliança defensiva franco-polaca, podem ser solidos».

O «Illustrowany Kurier» diz: «Saudamos na pessoa de Delbos um amigo certo da Polonia».

O «Czas», conservador, felicita-se por «a viagem de Delbos a Varsovia ter sido precedida da viagem dos ministros franceses a Londres onde se patentearam as tendencias mais pacificas».

A «Gazeta Handlowy», orgão economico, diz: «Tanto a Polonia como a França defendem a paz, o trabalho e a liberdade».—(Havas).

A finalidade da viagem de Delbos á Europa Central

PARIS, 3.—«Não se trata de cercar a Alemanha, mas de se prevenir contra o espirito de guerra»—escreve o «Echo de Paris», comentando a viagem de Yvon Delbos á Europa Central e precisando o espirito que presidirá ás conversações que ali terá o ministro dos Negocios Estrangeiros da França. «O regime nacional-socialista só se resignará a reentrar na ordem de paz se perder a esperança no recurso da violencia».

O «Excelsior» diz: «A mensagem de confiança e de amizade que Yvon Delbos levará a Varsovia terá como primeira consequencia dissipar todas as duvidas sôbre a solidês da aliança franco-polaca».

Wladimir d'Ormesson no «Figaro», escreve: «A politica externa da França tem mais continuidade do que se julga. E' leal. Pode-se contar com ela, mas preciso é tambem que aqueles a quem ela está ligada e que lhe estão ligados não cortem os ramos em que, em parte, estão apoiados. Não se enganam pois quando dizem que «a França é um dos principais mantenedores da paz continental, desde que aqueles para quem a estabilidade é uma questão de vida ou morte tenham consciencia das suas proprias responsabilidades».—(Havas).

A ida a Praga

PRAGA, 3.—Yvon Delbos chegará aqui no dia 15 do corrente. Visitará no dia seguinte o ministro dos Estrangeiros, Krofta, e será depois recebido pela municipalidade de Praga. Em seguida vai ser recebido por Bénés que oferecerá um almoço em sua honra. No dia seguinte irá a Lany ao tumulo de Masarik, depois do que jantará na intimidade com Bénés. No dia 18, o ministro francês receberá a Imprensa.—(Havas).

Duff Cooper acentua o pleno acôrdo entre a França e a Grã-Bretanha

LONDRES, 3.—Num discurso que ontem pronunciou em Westminster, Duff Cooper voltou a acentuar a fidelidade da Grã-Bretanha á politica de cooperação com a França. Entre outras coisas, declarou: «Se estamos desejosos de dar satisfação ás legitimas aspirações do povo alemão, isso não significa que devemos deixar o que quer que seja interpôr-se na nossa longa amizade com a França».

Referindo-se seguidamente á viagem de Lord Halifax ao Reich, Duff Cooper felicitou-se porque essa viagem tivesse sido imediatamente seguida da visita dos ministros franceses «O nosso primeiro dever—acrescentou—era comunicar aos nossos amigos de França o que tinhamos encontrado na Alemanha para que pudessem dar-nos a conhecer o seu ponto de vista a esse respeito. Verificámos que o povo de França está tão desejoso como nós de preservar a paz do mundo».—(Havas).

Declarações de von Ribbentrop

LONDRES, 3.—No banquete da Associação germano-inglesa, o embaixador Ribbentrop fez um pequeno discurso em que, referindo-se á viagem de Halifax a Berlim, declarou: «Não temos duvidas de que nos espera ainda um trabalho consideravel, mas sou optimista quanto ao futuro e creio que, com paciencia e senso comum, alcançaremos finalmente um estado de satisfação e harmoniosa colaboração entre as nações».—(Havas).

Ainda o discurso de Campinchi

ROMA, 3.—Nenhum jornal publica o desmentido de Herriot ao texto apocrifo das declarações que lhe atribuiram a proposito do discurso que os jornais italianos afirmam ter sido pronunciado por Campinchi contra o fascismo. Em compensação, a Imprensa italiana continua a campanha iniciada ontem.—(Havas).

A proposito dum boato sôbre a instalação no Canadá de alemãis e holandeses

OTTAWA, 3.—Dizem de Montreal que os representantes dum sindicato germano-holandês desmentiram que tivessem a intenção de adquirir a ilha Anticosti, que ocupa uma posição estrategica em St. Laurent, como fôra noticiado por um jornal daquela cidade, mas declararam que estudam a compra de riquezas florestais. A Imprensa frisa que Anticosti continuará sempre sob a soberania do Canadá. —(Havas).

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

PERTO DE CAMPOLIDE

Choque de comboios

Doze passageiros feridos

Esta manhã deu-se a quinhentos metros da estação de Campolide um choque entre dois comboios que provocou grande panico, tendo ficado feridos treze passageiros, de ambas as composições. Felizmente, que o desastre não assumiu maiores proporções, devido ao sangue frio dos maquinistas que puderam a tempo moderar a marcha dos seus respectivos comboios.

Pelas 9 e 30, saiu da gare do Rossio, com destino ao Carregado, o comboio 1413, que atravessou o tunel, parando pouco depois em Campolide. Minutos depois a maquina do 1413 recomeçava a marcha, aumentando progressivamente a velocidade. A um quilometro daquela estação, o maquinista Alfredo Santos viu aparecer na sua frente, outro comboio, o n. 2, procedente do Entroncamento. Sem perda dum segundo, fez a marcha atrás, mas a outra composição muito embora o seu maquinista tivesse tambem feito marcha atrás, com a velocidade adquirida, avançada na linha, chocando, violentamente, com o comboio do Carregado. Os freios rangeram, brutalmente. Uma carruagem do 1413, outra mixta do 2, e o «fourgon» do mesmo ficaram com os rodados descarrilados. Dentro dos comboios, o panico cresceu num grito de horror. Os passageiros, imprevistamente, eram projectados uns contra os outros, enquanto as bagagens que se encontravam nas «redes» caiam sobre eles, ferindo muitos. O pessoal dos respectivos comboios acorreu a prestar socorro aos passageiros. Não houve, porém nenhuma, vitima, apenas contusões mais ou menos graves.

Do deposito das maquinas de Campolide saiu logo um comboio-socorro, com o respectivo pessoal, procedendo-se imediatamente aos trabalhos de carrilamento. O comboio que seguia para o Carregado, retomou a sua marcha ás 10 e 56, não sucedendo, outro tanto, porém, ao do Entroncamento, que ficou bastante avariado. Os passageiros deste ultimo chegaram ao Rossio, em varios comboios que, pouco depois do desastre, passaram por Campolide. A causa do sinistro deve-se a um erro de agulhas do empregado Francisco Gonçalves.

Fôra averiguado que os maquinistas Alfredo Santos e Pedro, que tripulavam, respectivamente, os comboios do Carregado e do Entroncamento, não tiveram qualquer responsabilidade.

No local do desastre compareceram os srs. engenheiros Barata e Campelo, chefes do serviço de exploração e tracção, José Barbosa Pita, chefe do movimento, inspectores José Rodrigues e João Tomaz e sub-inspector Graça que dirigiram todos os serviços. Durante algum tempo as duas linhas estiveram impedidas, motivo por que alguns comboios sofreram atraso. Uma hora depois do acidente as duas linhas estavam livres recomeçando a circulação.

No posto de socorros da estação do Rossio receberam tratamento de pequenas feridas e contusões os srs. dr. Sebastião Guimarães, Antonio Pereira Morgado, Jupiter Ramos da Silva, Ernesto Galamba, Francisco Henriques, Antonio Borges, Hernani do Carmo, Artur Silva, José Lopes, Adelino Castro Silva, João da Silva e D. Maria de Jesus Silva.

Na estação de Campolide foi pensado José Neves Carrão, que deopis foi conduzido numa ambulancia dos Voluntarios de Campo de Ourique ao hospital de S. José. O seu estado, porem, não oferecia gravidade, motivo por que recolheu a casa.

Crime politico no Mexico

MEXICO, 3.—Deu-se um crime politico que vitimou um membro da colonia cubana no Mexico. O assassinado chamava-se Pedro Torrado e foi sub-secretario da Justiça do governo cubano presidido por Grau San Martin. A Policia descobriu o crime na estrada do Mexico a Toluca no momento em que os ocupantes de um automovel preto, matriculado na Columbia (Estados Unidos), tentavam desfazer-se do corpo da vitima. A Policia esforçou-se por fazer parar o automovel, chegando a haver troca de tiros. Um dos policias morreu. Os automobilistas conseguiram fugir a-pesar-de um deles haver sido gravemente ferido.—(Havas).

ANTIGO SOLAR DA ALEGRIA
P. Alegria, 56—Tel. 2 4290
HOJE—**Natalia dos Anjos** (reaparição), **Fernanda Amalia, Lino Teixeira, «Tita», Martinho da Assunção** (solista de viola), e o mais completo concertista de acordéon **Manuel Aleixo.**

A reconstrução finan

foi o titulo da que o professor Ferna realizou hoje na

O sr. dr. Fernando Emidio da Silva realizou hoje, em Berlim, na Sociedade Alemã de Economia Mundial, sob o patrocinio da Universidade e do presidente do Reichsbank, uma conferencia em que abordou largamente o seguinte tema: «Reconstrução financeira de Portugal».

O ilustre professor de Direito tem recebido das autoridades alemãs as mais inequivocas demonstrações de respeito e de simpatia.

Foi recebido por Goering, com quem conversou longamente, e tambem por Von Neurath e Frick, respectivamente, ministros dos Negocios Estrangeiros e do Interior.

Assistiram á conferencia jurisconsultos, politicos em evidencia, mestres de direito, financeiros, escritores, artistas, enfim, a «élite» intelectual da Alemanha de hoje.

O sr. dr. Emidio da Silva, falando em alemão, durante alguns minutos, começou por pedir desculpa de não fazer a sua conferencia nessa lingua.

Se Eça de Queiroz dissera que se deviam falar orgulhosamente mal as linguas estrangeiras, havia duas excepções á regra: não as falar demasiado mal; e não ser o idioma assim ofendido demasiado belo. Nessas condições, tinha de falar em francês. Mas antes de o fazer,—queria agradecer as palavras generosas com que fôra saudado e dizer ao que vinha.

O professor português salientou—no começo da sua conferencia—o paradoxo das nossas finanças, que foram más quando era facil tê-las boas, e que são excelentes quando é dificil tê-las razoaveis e quasi todos viram perdidos os seus equilibrios orçamentais.

Focou depois, com erudição, o nosso passado financeiro, nos seguintes termos:

«O passado financeiro forma por si só um manual de más finanças. No seculo XIX e, depois, até á guerra: há um nivel elevado de despesas publicas sem contrapartida noss erviços; os impostos têm por base a ignorancia da materia colectável; a divida publica é o verdadeiro instrumento de que ninguem se sabe servir (o devedor solvente faz figura de falido crónico); e, como fecho da abóbada, os orçamentos encerram-se sempre com deficit».

Mostra a seguir a pequena ampliação da crise, examinando os algarismos por que ela se exprima, a-fim-de entrar na apreciação do periodo «depois da guerra»:

«A crise não proveio da herança material da guerra, mas da sua herança espiritual: o chamado «espirito da guerra», isto é, de desordem e desperdicio, que encontram em Portugal o seu terreno de cultura».

O conferente escreve as varias tentativas de salvação que se fizeram, todas fracassadas. E enuncia:

«Em Londres, estavam fechadas as portas da City. Em Genebra foi pior. Fizeram-nos leitura, aliás merecida, dos tratadistas de finanças—e ofereceram-nos 12 milhões de libras, sujeitas a contrôle. Os nossos oito seculos de independencia recusaram polidamente o favor de Genebra. Mas a culpa não era da S. D. N. Era nossa. A solução não estava em Genebra. Estava em Lisboa. Simplesmente, em Portugal, o desespero tomara conta da opinião. Esse era mesmo o lado dramatico da nossa crise de depois-da-guerra.

O sr. dr. Emidio da Silva descreve depois a chegada ao poder do sr. dr. Oliveira Salazar, «homem sem passado, sem partido, tecnico de mérito afirmado na regencia da sua cadei-

RETIRO DA SEVERA
R. Antonio Maria Cardoso, 5
Maria do Carmo Torres
José Porfirio
José Tovar
Jantares a 12$00
Servem-se banquetes.

iceira de Portugal

conferencia

ndo Emidio da Silva

apital do Reich

ra», para atacar plenamente o problema da nossa reconstrução financeira, observada sob três aspectos: o sentido da obra em curso; os resultados adquiridos; e as reformas operantes.

Esclareceu:

«O sentido da obra em curso — é o equilibrio orçamental como pedra de toque de tudo o realizado.

Os resultados aquiridos são, sobretudo, dois: os oito orçamentos fechados com saldo; o desaparecimento da divida flutuante».

E considera seguidamente as reformas operadas sob quatro aspectos: despesas, impostos, divida publica e orçamento.

O sr. dr. Fernando Emidio da Silva fecha a sua conferencia pondo em relêvo as consequencias economicas e morais do saneamento financeiro.

«As primeiras cifram-se no seguinte: renovação da utensilhagem do país; quasi suspensão do desemprêgo; balança de pagamentos favoraveis; garantias da moeda; abolição das restrições de cambio. As segundas resumem-se no regresso á confiança.

Retomámos desta maneira o fio da historia portuguesa, que nem foi apenas a grande aventura no periodo heroico nem o grande tumulo dos ultimos tempos.

A tradição portuguesa cifra-se nas raras qualidades que construíram as fronteiras mais duradouras da Europa, que descobriram mais de metade do mundo e demonstraram, exuberantemente, a vocação colonizadora. Quere dizer: retomámos o fio das maiores virtudes cuja eficacia perdura».

O trabalho do professor da Faculdade de Direito de Lisboa foi muito apreciado e vivamente elogiado, não só pela profundeza dos conceitos como pela clareza da exposição. Esta conferencia será repetida em Varsovia, a pedido da Universidade da Polonia, entre 15 e 17 do corrente.

NA ASSEMBLÉA NACIONAL

Um deputado referiu-se

aos boatos que correm acêrca das pretensões coloniais do Reich

Na Assembléa Nacional continuou hoje a discussão, na generalidade, da lei n.º 184 (autorização das receitas e despesas para o ano de 1938). Usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. dr. Carlos Borges. Antes da ordem do dia, pediu a palavra o sr. dr. José Nosolini para declarar que leu, com a maior emoção, nos jornais de hoje, noticias dum confuso arranjo da Imprensa estrangeira no sentido de envolver em igual atmosfera de incertezas o Congo Belga e a nossa colonia de Angola. «Não posso deixar de utilizar a minha tribuna de deputado para exteriorizar o sentimento de indignação que agita todos os portugueses».— disse o dr. José Nosolini, reconhecendo que as potencias aliadas procuram apenas atenuar a crise mundial e seguramente com respeito pelos que, como nós, contribuiram com sacrificios para a guerra e para a paz. O orador afirmou, porém, querer repelir toda a especie de atoardas, tanto mais que estão em boas mãos os destinos de Portugal e do Imperio Colonial português e que todo o mundo reconhece que Portugal constitui um exemplo de ordem. «Angola, reconstituida, inicia um desenvolvimento economico manifesto para o qual bem contribuiu Salazar na sua passagem pelo Ministerio das Colonias—disse—e estão em boas mãos os destinos de Portugal e do Imperio Colonial português, mas é de justiça dizer daqui ao sr. presidente do Conselho que todos os portugueses o acompanham na defesa do Imperio Colonial Português».

As palavras do sr. dr. José Nosolini foram acompanhadas de calorosos apoiados.

Retiro da Severa (CINE-REX)
Rua da Palma
Arminda Vidal
Julio Froença
Julio Duarte
Bifes á Rex
ENTRADA FRANCA

UM ACONTECIMENTO DE ARTE

Os novos salões de exposição de Jalco Lda.

Referimo-nos ontem á inauguração das novas dependencias da casa Jalco, Ld.ª, instaladas no 1.º andar do edificio da sua sede na rua Ivens, 44. Foi realmente um acontecimento que interessou os amadores de arte o da inauguração dos novos salões de exposição, representando, na mais moderna arquitectura, salas de estar e de jantar, quartos de dormir e escritorios, decorados com o novo estilo de Jalco Ld.ª, que é o mais recente da Europa e da America, e com moveis de linhas ineditas, leves sobrias e dum modernismo inteligente e não apenas para dar uma falsa noção de coisa nova que, por vezes, é só falta de criterio e mau gosto. Os moveis de Jalco, criações suas, modelos executados sob a sua direcção, reunem o que de melhor tiveram todos os estilos, adaptados á vida de hoje. E para o seu conjunto contribuem as «carpettes» e tapetes de Jalco—Beiriz, em tipo especial, e sem receio de confronto com o estrangeiro, a-pesar-de apresentar tambem modelos de fabricação francesa. Além da tapeçaria, e de novos tecidos para estofos, apresenta Jalco Ld.ª uma coleção de papeis que nada têm que ver com os antigos papeis pintados e que guardam estreita relação com a pintura das paredes usadas nas construções modernas, com a vantagem duma aplicação pratica e agradavel. Completando este conjunto de nova decoração, dispõe Jalco Ld.ª de quadros de artistas modernos e das ultimas novidades em «bibelots», indispensaveis numa casa de bom gosto actual.

Por tudo isto constitui um acontecimento artistico e mundano a inauguração das novas instalações de Jalco Ld.ª, que assim confirma o seu nome já acreditado na decoração das casas portuguesas de mais bom gosto. A visita das novas instalações de Jalco Ld.ª interessa, portanto, não só aos que tiverem de montar uma nova casa, ou de modificar a sua num sentido moderno, mas até a todos os portugueses que assim têm ocasião de verificar como foi possivel elevar ao maximo o grau de perfeição da industria nacional no genero.

O «Diario de Lisboa», felicita a empresa de Jalco Ld.ª e o seu socio tecnico sr. João Alcobia o decorador mais moderno e competente do país, e sem espirito de reclame, aconselha aos seus leitores uma visita á interessantissima exposição de Jalco Ld.ª, nas suas novas instalações do 1.º andar da rua Ivens, 44.

O conflito sino-japonês

As operações militares

A Domei forneceu o seguinte comunicado japonês:—Frente da China Central—De Changai anunciam que os exercitos niponicos que marcham sobre Nanquim, continuam a avançar por «étapes» regulares. As colunas de Katageri conseguiram esta manhã cortar completamente as comunicações de Tan-Yang, 35 quilometros a noroeste de Chang-Chu. As colunas japonesas que operam ao norte da provincia de An-Whei apoderaram-se de Lang-Chi, 35 quilometros a noroeste de Kuang-Teh, sobre a estrada de Wu-Hu.

Informam de fonte chinesa que as vanguardas niponicas atingiram ao sul de Tchinkiang a cidade de Kintang. Os meios chineses afirmam ao mesmo tempo que a-pesar-dos violentos ataques japoneses as forças chinesas ocupam ainda a margem meridional do Yangtse entre Kiangyin e Tchinkiang.

Segundo os jornais chineses tropas niponicas teriam desembarcado em Tea-Xau, a sudoeste de Macau e teriam travado combate com tropas chinesas.

Manobras aereas na America

NOVA YORK, 3.—O «New-York Times» anuncia que estão concentrados no aerodromo de Miami (Florida) 500 aviões militares e civis, entre os quais figuram 53 aparelhos de bombardeamento do Exercito americano, que vão tomar parte nas manobras aereas que vão efectuar-se por um destes dias na presença das autoridades da aviação que representam 40 Estados.—(Havas)

Chegaram esta manhã a Lisboa

os drs. Afranio Peixoto e Pedro Calmon que vêm representar o Brasil nas festas do centenario da Universidade de Coimbra

Os srs. drs. Afranio Peixoto e Miguel Calmon, ao desembarcarem hoje em Lisboa

A Universidade de Coimbra que vai comemorar agora o quarto centenario da sua instalação definitiva, convidou diversos paises a representarem-se. E o Brasil confiou essa representação a dois dos seus mais altos valores intelectuais: o dr. Afranio Peixoto—que durante as festas receberá o diploma de doutor «honoris causa»- e o dr. Pedro Calmon, antigo deputado, historiador de grande merito e uma das mais notaveis figuras da sua geração. O principe dos prosadores brasileiros representará a Universidade do Brasil e a Academia Brasileira de Letras. E o dr. Pedro Calmon o Instituto Historico e Geografico e o Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura.

Ambos chegaram hoje ao cais de Alcantara, no «Alcantara», sendo aguardados por numerosas personalidades em destaque, entre as quais o sr. dr. Araujo Jorge, embaixador do Brasil; dr. Albino Peixoto Junior, em representação do sr. dr. Eugenio de Castro, director da Faculdade de Letras de Coimbra e dos estudantes brasileiros da Universidade coimbrã; arquitecto Raul Lino, Artur Brandão, Raul Lelo, Henrique Lima, jornalistas dos diarios de Lisboa, das agencias telegraficas e representantes de jornais brasileiros, etc.

Seguiram os dois para o Avenida Palace, onde se conservarão até ao dia 5, seguindo depois para Coimbra. E aí tivemos ocasião de conversar com eles, largamente.

O dr. Pedro Calmon, agradecendo as saudações que em nome do «Diario de Lisboa» lhe apresentámos, manifestou-nos a sua admiração pelo nosso querido director, sr. dr. Joaquim Manso, lembrando o artigo que escreveu acêrca do livro «Pedras para a construção dum mundo». E o sr. dr. Afranio Peixoto, nosso antigo conhecido, manifestou a sua emoção de estar novamente em Portugal com tal intensidade e exuberancia que não ha possibilidade de as registar condignamente na fria prosa dum jornal:

— Quando chego a este país—disse, em resumo — sinto uma impressão tão grande que tenho receio de que não a possam compreender bem os portugueses e os brasileiros. Julgo sempre que estou de regresso, de tal modo sinto Portugal, berço dos meus avós, dos meus sentimentos e da minha cultura. Nunca me esqueço de que os «Lusiadas» eram quarenta e fizeram o mundo, de que os portugueses eram pouco mais dum milhão e deram ao mundo a Africa, a America, a Asia, a Oceania. E tambem não me esqueço nunca de que o meu avô me dizia: «Quando algum dia sentires a duvida a atormentar-te, lê este livro». Tratava-se dos «Lusiadas». E eu embebia-me na sua leitura, como se se tratasse dum Evangelho.

Afranio Peixoto afirmou-nos o seu contentamento por vir novamente ao país e por visitar a gloriosa Coimbra. E, quando lhe pedimos que nos dissesse alguma cousa sobre o momento politico brasileiro, respondeu-nos:

— Nós somos universitarios, e a nossa missão veda-nos qualquer expressão politica. De resto, a politica é uma senhora com quem tive relações e que não me deixou saudades...

— Mas a recente transformação operada no Brasil...

— A minha confiança no povo brasileiro e nos seus dirigentes obriga-me a dizer que estou convencido de que o meu país encontrou a solução que de momento mais lhe convinha, como estou convencido de que encontrará, brevemente, uma formula de estabilidade que corresponda ás necessidades e ás conveniencias da civilização, da cultura e da economia do Brasil.

E, voltando a falar de Portugal, disse:

— Eu não sei se haverá portugueses descontentes. Mas aos que o estejam, direi que, neste mundo «agoniado», Portugal pode orgulhar-se de ter uma paz, uma harmonia, um equilibrio, uma segurança que a maioria dos povos — mesmo os mais poderosos do velho e do novo mundo — desejaria ter. E quanto ao Brasil, a minha maior ambição é de que se cumpra a profecia do épico: «de tal pai tal filho se esperava!».

Barco inglês avariado

quando ia largar do Tejo

Devia sair esta tarde do Tejo com destino á Argentina o vapor inglês «Sultan Star», de 15 mil toneladas, que faz o transporte de carnes congeladas de Buenos Aires para Inglaterra, conduzindo tambem alguns passageiros. Na ocasião em que iam largar as amarras, um dos cabos envolveu-se nas helices, dando lugar a que o barco não pudesse navegar, indo ao sabor da corrente, que era muito forte. Houve pedidos de socorro e acudiram varios rebocadores. O «Sultan Star» foi rebocado para os estaleiros da C. U. F. e examinado pelos srs. engenheiros Aulanio Lobo e Americo Rodrigues. Deve ser reparado até amanhã, para que não se sinta a falta de carne de vaca em Londres, pelo Natal.

Teatro Nacional
HOJE — **A's 21,30**
Estreia da comedia em 3 actos
FERIAS DA PASCOA
de Romain Coolus, trad. de Norberto Lopes
MARIA LALANDE num delicioso «travesti»

O Natal dos pobres

do «Diario de Lisboa»

Como sempre á entrada do Natal vimos pedir para os pobres. E' a bola de neve que começa a rolar, como nos contos doirados das crianças. Quanto maior ela fôr, mais pão, mais alegria mais luz haverá nos lares humildes.

Ha crianças que tiritam de frio, doentes que, no seu catre de dôr, aguardam um sorriso de esperança, velhinhos que mal têm de comer. Soube sempre dar a gente portuguesa, por vezes, até com generosidade. Por pouco que seja, tudo será para a Arvore do Natal dos nossos pobres. E' preciso que nesse dia não haja uma mão vazia, um coração amargo, ou até mesmo o remorso de viver. A' volta dum pequeno berço, divina alegria, pobres e ricos devem reunir-se, partilhando na mesma fé e bondade cristã.

A todos pedimos, com a certeza, que o nosso apelo terá correspondido. A' nossa subscrição, ha a juntar mais o seguinte:

«Diario de Lisboa»...	500$00
P. V....	50$00

DE LUTO

Joaquim de Azevedo Tôrres

Após doloroso sofrimento, faleceu hoje, na sua residencia rua Martens Ferrão, 18, o Ex.mo Sr. Joaquim de Azevedo Tôrres, proprietario e capitalista.

O extinto que contava 67 anos de idade, era natural de Vila do Conde, deixou viuva a Ex.ma Sr.a D. Alice Ribeiro Tôrres, e era pai estremoso dos srs. Alvaro Ribeiro Tôrres e Waldemar Ribeiro Tôrres.

Dotado de grande actividade e grande amor á familia, deixou pelas suas excelsas qualidades de caracter o mais profundo pesar entre os seus assim como em todos aqueles que com ele conviviam.

O seu funeral, a cargo da acreditada Agencia Barata, sai amanhã pelas 12 horas, da referida residencia, em auto-carro funebre com destino a Braga, onde será depositado na Igreja dos Congregados; domingo pelas 11 horas, será rezada Missa de Corpo Presente, efectuando-se em seguida o seu funeral para o seu jazigo no cemiterio de Monte d'Arcos, da referida cidade.

Aurora L. N. Cruz

Parteira-Enfermeira

R. Carrilho Videira, 16, 1.º, Esq.

Telef. 49071

Joaquim de Azevêdo Tôrres

FALECEU

Confortado com tôdos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Alice Ribeiro Tôrres, Alvaro Ribeiro Tôrres, Waldemar Ribeiro Tôrres e sua espôsa Maria Amélia Alvarez Henriques Tôrres, Marcelino de Azevêdo Tôrres e sua espôsa Corina de Ribeiro Tôrres, Maria Feydit Ribeiro, e mais familia, cumprem o doloroso devêr de participar que foi Deus servido levar da Vida Presente o seu muito querido e sempre saudôso Marido, Pai, Sôgro, Irmão, Cunhado e Genro, cujo funeral terá logar amanhã pêlas 12 horas, da sua residencia, Rua Martens Ferrão, 18, 1.º, seguindo em «auto-car» funebre, para Braga, onde será depositado na Igreja dos Congregados, domingo, pêlas 11 horas, será rezada Missa de Côrpo Presente, efectuando-se em seguida o seu funeral para o seu jazigo no cemiterio de Monte d'Arcos da referida cidade.

P. N. A. M.

AGENCIA BARATA

Fabrica de Polvoras Fisicas e Artificios

BARCARENA

Capitão de artilharia Ramiro de Almeida Sande

Missa do 30.º dia

A direcção da Fabrica de Polvoras Fisicas e Artificios de Barcarena manda rezar na igreja de S. Domingos, amanhã, 4, pelas 10 horas, uma missa sufragando a alma do engenheiro de seccão, que foi desta fabrica, capitão de artilharia Ramiro de Almeida Sande.

Portugal no estrangeiro

Conferencias em Inglaterra

O engenheiro Alan Stevenson, descendente duma antiga familia de engenheiros especializados em farolagem, que nos visitou recentemente, e que é um grande amigo do nosso país, realizou agora em Inglaterra uma serie de conferencias, que despertaram grande interesse, sobre assuntos portugueses, subordinada ao titulo «Present-day Portugal».

As conferencias efectuaram-se no dia 22 em Glasgow, no dia 23 em Aberdeen e no dia 25 na Real Sociedade de Geografia de Edimburgo e foram ilustradas com projecções luminosas a côres.

O conferente referiu-se com elogio á actual situação portuguesa e á obra do sr. dr. Oliveira Salazar. O director da Casa de Portugal foi convidado a assistir á ultima conferencia.

Festas escolares

Realiza-se amanhã, nos salões do Aviz Hotel, o baile de recepção aos «caloiros», promovido pelos quintanistas da Faculdade de Farmacia.

O baile promete ser bastante animado, tanto mais que o famoso «Trio Janes», tão conhecido através do microfone de Radio Club Português, prometeu dar a sua colaboração.

Os poucos bilhetes que restam podem ser adquiridos nas farmacias Formozinho e Durão e no Aviz Hotel.

—No novo salão de festas do Gremio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, rua da Arrabida, n.º 106, realizam-se nos dias 4 e 5 do corrente pelas 22 horas, dois interessantes bailes, organizados por uma comissão de socios.

Estes bailes, que prometem decorrer com animação, serão abrilhantados pela troupe jazz «Os Aguias Brancas». Serão distribuidos ás senhoras interessantes brindes oferecidos por varias casas comerciais. O produto destas festas reverte a favor do cofre escolar.

Casa da Madeira

Na «Casa ad Madeira», prosseguem na tarde do proximo domingo, as festas dedicadas aos socios.

Do programa do corrente mês, consta a inauguração duma exposição de fotografias de amadores madeirenses, trabalhos esses que hão-de constituir o II Salão Regional de Fotografia do Nucleo Fotografico do Ateneu Comercial do Funchal, por ocasião das Festas do Fim do Ano, na Madeira.

Na tarde de 19, realiza-se uma sessão de esgrima por atiradores do Hockey Club de Portugal, seguido dum chá dansante.

No dia 24, de tarde, realizar-se-á a distribuição de donativos, generos alimenticios e artigos de vestuario, aos filhos dos madeirenses pobres, e a estes mesmos, quando desempregados ou doentes.

Na tarde de 26, ha outro chá dansante. Será tambem exposto um presépio.

TRIBUNAIS

Na Boa-Hora

No 4.º Juizo Criminal foi hoje julgado Antonio Duarte Coelho Lacerda, que era acusado de, em agosto do ano passado, ter assaltado na rua do Ouro, com intenção de roubar, José Assunção Vieira.

O reu foi condenado em 2 anos de prisão maior celular, na alternativa de 3 de degredo, 3 meses de multa a 1 escudo e mil escudos de imposto de justiça.

—No 1.º Juizo Criminal foi julgado o polaco Samuel Kantor, acusado de abuso de confiança no valor de sete contos, pelo sr. Julio Macieira de Oliveira.

Na audiencia provou-se que era uma questão de contas entre socios, pelo que o reu foi absolvido.

O cinquentenario de Lourenço Marques

O Nucleo de Propaganda Educativa realiza, no proximo domingo, pelas 14 horas, uma visita de estudo á Exposição Bibliografica comemorativa do Cinquentenario da cidade de Lourenço Marques e ao Arquivo Historico Colonial, no Palacio da Ega (á Junqueira). Pelo seu director, sr. dr. Manuel Murias, será explicado aos «Novos de Portugal» o significado da referida Exposição, usando tambem da palavra os srs. dr. Gomes dos Santos e João Afonso Corte Real.

A's 15 horas, os componentes do «Nucleo de Propaganda Educativa» visitarão os Jeronimos e o Jardim e Museu Colonial, onde se realizará uma sessão de inter-cambio escolar, com a colaboração do Nucleo Pró-Imperio Colonial, Colegios Insulano e Barbosa do Bocage, e em que usarão da palavra os srs. dr. Francisco dos Santos e José Saraiva.

Reclamações

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«*Sr. director:*—Peço-lhe que chame a atenção de quem de direito para o facto de as camionetas da firma Eduardo Jorge, que fazem a carreira Lisboa-Queluz, deixarem muitas vezes de transportar passageiros, tanto de Lisboa como da Amadora, quer por não fazerem o indispensavel desdobramento, quer até porque os «chauffeurs» não estão dispostos a parar para receber passageiros.—De V. etc., *Assiduo leitor*».

Tilia da Australia

Vende: **PEROLA DE S. DOMINGOS**

T. 2 2678—R. dos Correeiros, 331—Lisboa

T. S. F.

Tem o seu receptor avariado? Queira telefonar 2 7921 — Barros Queiroz, que ficará bem servido.

Que a vida está insuportável!!!
Tôda a gente se queixa... e sabe...
E, agora... que vem o frio... a chuva!!!...

A "SAPATARIA E CHAPELARIA ORIENTAL"

Faculta á sua numerosa clientela uma modalidade nas suas compras, que é uma verdadeira revolução!!!

Na sua venda a prestações simples onde se pode escolher á vontade num vastissimo e variado sortimento de calçado e chapéus para:

TODOS OS PREÇOS E PARA TODAS AS BOLSAS!

Portanto só anda com os pés molhados... e sem chapéu... quem quere!!!

Aproveitai, pois, os preços e as condições que lhes oferece a

«SAPATARIA E CHAPELARIA ORIENTAL»

105-C, Rua Morais Soares, 105-D (Gaveto para a Rua Cavaleiro Oliveira, 1, 2 e 3)

"CISTÉR"

Farinha lactea

PREMIADA com 3 medalhas de ouro nas Exposições de: Sevilha, 1929; Colonial de Paris 1931 e Industrial Portuguesa de 1932.

Pedir em toda a parte

CHAPEU

BÖHM

austriaco, dum chic e duma qualidade inimitável!

SO 150$00

PALMARES

LOJA DAS MEIAS ROSSIO

FARINHAS

Preparadas por novos processos.
Melhores, mais recentes e mais baratas.

	C/ K.º
Alimento	8$00
Arroz	4$00
Cevada torrada	4$00
Fava torrada	4$00
Favacau	6$00
Trigo, torrado	4$80

Vendidas avulso. Recentes. Puras.
Bem moidas. Bem torradas.
Só as farinhas recentes e bem preparadas possuem, intactas, as suas boas qualidades.
Fornece-se gratuitamente um folheto com os preços, forma de preparar os caldos, etc.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, n.os 26 e 28
(á igreja de S. Domingos)

Chales

E mantas de viagem

Armazem, R. Douradores, 150, 2.º

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!

Repr. Victor Chaskelmann & C.ª

Rua da Palma, 268—Lisboa

MOBILIAS

Mocernas e classicas, tenho e executo, com a maxima perfeiçao e economia, consulte V. Ex.ª a **Marcenaria do fabricante ANGEL LOPO**, Travessa das Salgadeiras, n.º 7, Patio (ao Campo de Sant'Anna—Telef. 4 4147.

ESTRANGEIRO

Telf. 2 1520

CHEGARAM NOVIDADES

MÉNAGE IDEAL

162, R. da Prata, 166

Na Russia Vermelha

Novo vice-comissario para a Guerra

VARSOVIA, 3.—Anuncia-se que o novo vice-comissario do povo russo para a Guerra, Chadenko, que sucede a Smirnov, por sua vez sucessor de Gamarnick, foi alfaiate na Ukrania. Trata-se de um homem de confiança de Estaline, que o nomeou sucessivamente presidente politico da Academia e membro do Estado Maior. Foi Chadenko quem, por ordem do Kremlin dirigiu a recente represseão na Ukrania.—(Americana).

O exercito albanês

ROMA, 3—Pelas ruas de Tirana, desfilaram três batalhões femininos, formados por estudantes, levando á frente as três irmãs mais novas do rei Zogu, uniformiazdas de tenente: Myzeia, Maxhida e Rubya. As raparigas, que têm intensa preparação militar, fizeram continencia ao soberano. Anuncia-se que o exercito albanês está a ser activamente mecanizado. Já conta numerosos «tanks».—(Americana).

BOLSA DE LISBOA

3 de dezembro

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 5 3/4 1936 s/j	945$00	944$00	947$00
» 4 0/0 1934 ..	985$00	984$00	985$00
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	—	2.215$00	—
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.023$00	1.022$00	1.024$00
» 4 3/4 1934 ..	—	1.156$00	—
» 5 1/2 0/0 1933	—	1.060$00	1.063$00
Externo 3 0/0 1.ª Série ..	1.716$00	1.715$00	1.717$00
» 3 0/0 2.ª » ..	1.892$00	—	—
» 3 0/0 3.ª » ..	—	—	1.720$00
Cautelas s/juro 3.ª Série	155$50	155$00	156$00
Acções			
BANCOS			
Espirito Santo e Comer. cial de Lisboa	—	—	770$00
Lisboa & Açores, port..	—	375$00	—
Portugal, portador.....	—	—	—
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	233$00	232$00	234$00
Nacional.....	—	1.255$00	—
Sagres	—	1.350$00	1.390$00
Tagus.....	—	—	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	—	—
» » privilegiadas	12$50	—	13$00
Aguas de Lisboa, port..	—	260$00	270$00
» » ass. 1934	—	145$00	155$00
» » ass. 1936	—	142$00	148$00
Credito Predial	14$70	14$50	14$70
Gaz e Electricidade.....	309$50	309$00	310$00
Portugal e Colonias.....	85$20	85$10	85$20
Navegação	107$00	106$00	107$00
Portuguesa de Pesca....	—	26$00	—
» de Tabacos.	398$00	397$00	398$00
Tabacos de Portugal....	—	357$00	360$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	18.$00	181$00	182$00
COLONIAS			
Açucar de Angola.....	—	377$00	381$00
Busi — 1.ª Emissão	—	47$50	48$50
» — 2.ª	—	—	48$00
Ilha do Principe, as.	398$00	395$00	405$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	216$00	215$00	217$00
Prediais 6 0/0 — 1932 1.ª S	90$00	—	—
» 7 0/0	102$00	102$00	102$50
União Elect. Port. 6 1/2 0/0	119$00	118$00	120$00
» » » 5 0/0 ...	106$00	105$50	106$50
Busi 9 0/0.....	115$00	114$50	115$00
» 6 1/2 0/0.....	121$00	120$50	121$50

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres.....	110$00	110$20
Paris	$74,7	$74,9
Madrid	1$27,9	1$28,1
New-York	22$03 4	22$07,4
Zurich.....	5$09,3	5$10,2
Roma	1$15,9	1$16,1
Bruxelas	3$74,5	3$75,2
Amsterdam	12$24,3	12$26,5
Berlim	8$88 1	8$89,7
Praga.....	$77,3	$77,5
Rio de Janeiro.....	1$24,6	1$24,8
Libra ouro	—	—

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

Terminou a discussão do orçamento para a defesa nacional

PARIS, 3.—Na discussão do orçamento de guerra que prosseguiu esta manhã na Camara dos Deputados Daladier, ministro da defesa, respondendo a varios oradores, expôs, a largos traços, a sua acção á frente do ministerio. Não pensa, segundo declarou, em reduzir de dois a um ano, a duração do serviço militar

«Se tal fizesse, disse, comprometeria a segurança do país. Enquanto o estado da Europa não se modificar, opõrme-ei a semelhante redução».

Frisou que os efectivos dos Estados visinhos são importantissimos comparativamente com os efectivos franceses. «Conheceis prosseguiu, o efectivo do exercito em França: 387 mil homens no solo francês, enquanto que a Alemanha tem milhões de homens em armas e a Italia, não obstante as forças que tem na Libia, na Etiopia e em Espanha, conta 300 mil na metropole».

As armas modernas podem permitir um ataque brusco. «Um ataque dessa natureza, disse, não bastaria certamente para pôr a França em perigo, mas a França deve ter um minimo de efectivos em armas».

Com essa preocupação de segurança nacional, o ministro faz prosseguir activamente a fortificação da Alta Alsacia e do Jura, o que completará a linha Maginot, pois «se a guerra rebentasse não se faria nas mesmas zonas e com os mesmos metodos de ha 20 anos.

Para o Jura e Alta Alsacia a temação poderia ser grande depois de tantas violações dos tratados e de se levantaram unilateralmente certas hipotecas esquecidas pelos redactores do tratado de Versalhes».

Daladier protestou contra a campanha feita contra a nacionalização das fabricas de guerra «A nacionalização permitiu recuperar os atrazos para o fornecimento dos canhões anti-aereos. disse».

Respondendo a um deputado comunista que pediu que se fizesse passar no exercito uma aragem republicana», Daladier prestou homenagem aos oficiais, 80 por cento dos quais são filhos do povo e cumprem integralmente os seus deveres.

Quanto a outra sugestão do orador comunista, Daladier disse: «Tenho aqui a relação das sanções que fui obrigado a aplicar. Está á sua disposição».

«A grande obra a realizar, prosseguiu, é preservar a paz, preservar as liberdades republicanas e salvaguardar a dignidade humana. Conseguiremos isso se as nossas finanças estiverem solidas e se o nosso exercito fôr forte, da sua força material, da sua disciplina e da sua unidade».

O orçamento foi depois aprovado por mãos levantadas.—(Havas).

PARIS, 3.—A Camara aprovou por unanimidade de 603 votantes o orçamento para a defesa nacional, que se eleva a 5.072.426.201 francos. Os creditos orçamentais para a defesa dos territorios de além-mar elevam-se a 1.556.515.944 francos e foram aprovados de mãos levantadas.—(Havas).

Maurras está a redigir a resposta ao manifesto do Conde de Paris

PARIS, 3—Numa atmosfera febril nas instalações da «Action Française», Charles Maurras está a redigir a resposta da Escola do «Nacionalismo integral» repudiado pelo Conde de Paris.

Nota-se a maior discreção da parte de outros membros da «Action Française» sobre os termos da resposta daquele cujo ensino e filosofia politica foram renegados pelo jovem principe.—(Havas)

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE*.

A GUERRA EM ESPANHA

Os franceses continuam a enviar auxilios ao governo de Barcelona

SEVILHA, 3—O general Queipo de Llano declarou na sua ultima palestra radiofonica que doze armeiros franceses, vindos de Perpinhão, assumiram na semana passada a direcção tecnica das fabricas de armas da Espanha governamental e que da União Sovietica chegaram seis engenheiros especializados em aviação e quinze fundidores. Durante a mesma semana, os franceses entregaram aos governamentais espanhois um comboio inteiro com caminhões automoveis e um avião.

Existe em Paris—acrescentou o general—na Rue Chateaudun, 38, um «comité» internacional para a Espanha governamental.—(D. N. B.)

Reunião da sub-comissão de Londres

LONDRES, 3.—A sub-comissão de não-intervenção vai reunir-se no principio da proxima semana para examinar as respostas das autoridades de Salamanca e do governo de Barcelona ás propostas da comissão. A data exacta ainda não foi, todavia, fixada.—(Havas).

Falange Espanhola Tradicionalista

BURGOS, 3.—Os membros do Conselho Nacional da Falange Espanhola Tradicionalista, depois de terem prestado juramento de fidelidade no mosteiro de Santa Maria, ouviram uma alocução de Franco á qual respondeu Raimundo Fernandez Cuesta, que foi nomeado por decreto de Franco secretario da Falange. Cuesta, a pedido unanime dos conselheiros, pediu a Franco que nomeasse todos os membros da Junta Politica que corresponde ao «Comité» executivo.—(Havas).

Os serviços postais entre a Espanha nacionalista e a Argentina

BUENOS AIRES, 3—A Administração dos Correios e Telegrafos respondeu a uma solicitação de Burgos, informando que não tinha duvidas nenhumas em reatar os serviços postais com a Espanha nacionalista nas mesmas condições em que esses serviços são feitos com a Espanha governamental.—(Havas)

As operações militares

De Barcelona transmitem o seguinte comunicado do Ministerio da Defesa Nacional:

«Frente do Centro—os republicanos repeliram energicamente umas patrulhas nacionalistas.

No sector do Ebro melhorámos as nossas posições. A artelharia republicana dispersou uma concentração nacionalista proximo de Ornas. Repelimos um golpe de mão no Baixo Aragão. As baterias republicanas bombardearam intensamente Portillos, Barranco de Val-de-Paradas, Lema de Enmedio e Corral de Valdeabril, assim como outros pontos de Vedado de Zuera.

Andaluzia—pouca actividade. A artelharia nacionalista fez fogo de Portuna sobre Matagallares.

Prisão de extremistas no Cairo

LONDRES, 3—Do Cairo comunicaram á Reuter que foram presos mais de 300 membros dos Camisas Verdes, organização extremista egipcia, por causa da tentativa de assassinio perpetrada no domingo ultimo contra Nahas Pachá.—(Havas)

?

O CLARIM DA FELICIDADE

Brevemente

nas Avenidas Novas

Não esqueça isto!

A situação no Brasil

As diferenças entre as Constituições brasileira e portuguesa

RIO DE JANEIRO ,3—O «Jornal do Brasil» publicou a seguinte nota em que compara a nova Constituição brasileira á Constituição portuguesa:

«O sr. Agamenon Magalhães, ex-ministro do Trabalho, nas declarações feitas á Imprensa, acentuou que o actual regime do Brasil, modelado pela Constituição de 10 de Novembro, só comporta uma ideologia, a do Estado, e um chefe, o chefe do governo nacional, ou melhor o presidente da Republica, que segundo o dispositivo constitucional é a «autoridade suprema».

A declaração do sr. Agamenon Magalhães corresponde á realidade do actual sistema constitucional do Brasil. E' este o ponto essencial da diferença entre a Constituição vigente e a Constituição politica da Republica portuguesa, aprovada pelo prebiscito nacional de 19 de Março de 1934, com as modificações das leis de 23 de Março, de 21 e de 23 de Maio de 1935. A Constituição brasileira firma-se no regime federativo e mantem o sistema presidencial, com o fortalecimento da acção do chefe do Poder Executivo. A indole caracteristica da nova organização é a maior soma da autoridade do Presidente da Republica. Este é a figura maxima, de acôrdo com os termos peremptorios dos dispositivos constitucionais.

Pela Constituição portuguesa o país é uma republica unitaria e corporativa e a soberania, que reside na nação, tem por orgãos, entre outros, o Chefe do Estado e o Governo. O Chefe do Estado é o presidente da Republica. O Governo é presidido pelo presidente do Conselho e formado pelos ministros. São pontos capitais que assinalam a diferenciação entre os dois regimes e a posição dos respectivos quadros do governo».—(Americana)

A questão do serviço da divida externa

LONDRES, 3—A-pesar da hora tardia a que se recebeu em Londres a informação de que o governo brasileiro teria decidido destinar o orçamento do serviço da Divida externa á construção de estradas e caminhos de ferro, criou-se uma impressão penosa nos meios bancarios interessados. Duvida-se de que tal informação seja exacta.

Observa-se que isso significaria que, antes mesmo de se terem examinado as capacidades de pagamento do país, as autoridades do Brasil teriam decidido suspender—ao que parece definitivamente—o serviço da Divida externa. Tal informação parece, aliás, absolutamente contraria ás precedentes declarações do governo, tanto mais que, neste momento, segundo consta, estão entabuladas negociações no Rio entre as autoridades do Brasil e os representantes dos portadores estrangeiros para a fixação de novas bases destinadas ao restabelecimento do serviço da divida.—(H.)

V. Ex.ª NÃO SABE? **DÓMUZ** É O REI DO ANIZ

?

LE CLARION DU BONHEUR

Tout de suite

dans les Avenues nouvelles

N'oubliez pas!

EXTRA

(Fabrica do Porto)

Assentos para cadeiras — Corte de folha de cotelo — Contraplacados

PELES

Raposas, capas, golas e toda a variedade de peles. Curte, tinge e confecciona.

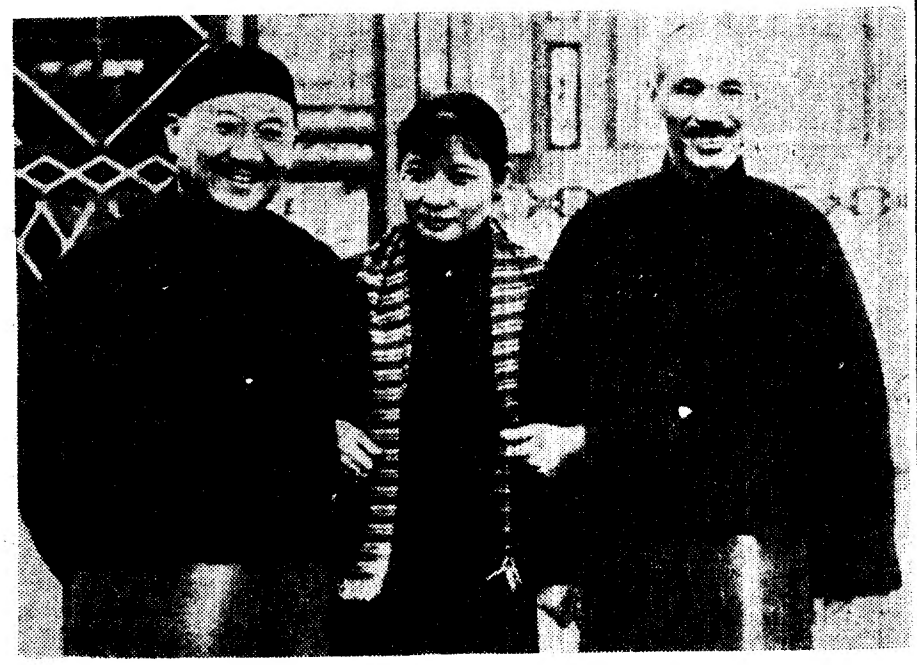
Casa Anão

Rua Fanqueiros, 376, 2.º

A GUERRA SINO-JAPONESA

Os nipões desfilaram pela Concessão de Changai

onde se registaram numerosos incidentes



O marechal Cham-Kai-Check (á direita) com sua mulher e o dr. Kung, ministro das Finanças, a quem o ditador da China entregou a administração civil, para se consagrar inteiramente á defesa do sul chinês ameaçado pela invasão niponica

CHANGAI, 3.—O desfile das tropas japonesas pela concessão internacional foi anunciado ás 11 horas por cinco aviões de bombardeamento que voaram sôbre a cidade. A's 10 e 30, a Policia da concessão começou a tomar as suas disposições. Atrás dos policias hindus via-se um automovel aberto onde seguiam oficiais japoneses. Depois ia um batalhão de infantaria seguido, numa extensão de dois quilometros, duma coluna formada por infantaria, artelharia e cavalaria. A' frente do cortejo ia uma banda de musica. Os colonos japoneses, que formavam turmas volantes, deslocavam-se ao mesmo tempo que as tropas e postavam-se nas encruzilhadas onde agitavam bandeiras e soltavam gritos a um sinal dos chefes dos grupos.

A guarda inglesa ás portas da concessão apresentou armas.

O desfile terminou ás 14 horas tendo atraido elevado numero de curiosos. Os soldados niponicos apresentaram-se com uniforme de campanha e capacete de aço.

Segundo aqui se pensa este desfile destina-se não só a convencer os chineses da força do exercito niponico, mas tambem a acentuar a deminuição de prestigio da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos no Extremo Oriente. Interrogado a esse respeito pelos jornalista, o informador militar japonês recusou-se a responder e declarou simplesmente que se tratava apenas duma transferencia de tropas de Jessfield para Hong-Keu.

Houve incidentes diversos. A' passagem das tropas japonesas perto do teatro Grande Mundo, um chinês atirou-se dum terceiro andar, gritando: «Viva a China». A' passagem pelos Grandes Armazens alguns individuos dispararam tiros contra as tropas. Num outro ponto um individuo lançou uma bomba que feriu 3 soldados japoneses, um civil da mesma nacionalidade, 2 policias chineses e um inspector europeu. Morreu uma pessoa. Uma chinesa foi morta imediatamente por suspeita de ter sido a autora do atentado. Pouco depois averiguava-se que não fôra ela. Um estrangeiro, cuja nacionalidade se ignora, arrancou das mãos dum japonês uma bandeirola, que rasgou e partiu. A policia da concessão teve que intervir para defender a vida do estrangeiro. Apurou-se depois que se trata dum inglês.

As tropas japonesas ocuparam imediatamente os locais dos incidentes e instalaram metralhadoras nas ruas, bem como patrulhas de baioneta calada. Toda a gente foi proibida de sair de casa naquela parte da cidade. Um subdito americano foi agredido por soldados japoneses, por não lhes querer obedecer. Tudo isto causou uma certa agitação e provocou uma conferencia de altos funcionarios da policia da concessão, oficiais niponicos membros das embaixadas, tendo-se afinal chegado a acôrdo e as tropas niponicas retirado da concessão.

No momento em que os soldados japoneses desfilavam em frente da escola alemã do bairro ocidental, varios alemães deram vivas. Os civis japoneses que acompanhavam as tropas responderam com «Heil Hitler». Deu-se então um ligeiro incidente provocado por uma inglesa que protestou contra aquela manifestação.

As tropas japonesas não desfilaram através da concessão francesa. Com efeito, as autoridades francesas seguem uma norma constante que consiste em não deixar atravessar aquela concessão por tropas armadas.—(Havas).

CHANGAI, 3.—Parece que a explosão que se registou esta manhã á passagem das tropas japonesas em Nanquim Road, foi provocada por uma granada de mão e não por uma bomba.

As repercussões politicas do incidente podem ser, talvez, graves. E' possivel, porém, que essa gravidade seja atenuada devido ao facto do autor do atentado ser—segundo se apurou—um coreano que morreu pouco depois de ter perpetrado o atentado, em virtude de ter recebido varios ferimentos. —(Havas).

O autor do atentado foi morto

CHANGAI, 3.—Segundo o depoimento duma testemunha ocular, o incidente que se registou durante o desfile dos japoneses deu-se da maneira seguinte:

Um coreano lançou uma granada de mão que caiu á frente da coluna japonesa. Três soldados japoneses e um agente de policia ficaram feridos. Agentes de policia chineses mataram imediatamente o autor do atentado, cujo cadaver está ainda na rua de Nanquim aguardando as formalidades legais.—(D. N. B.)

Boato sobre uma mediação entre o Japão e a China

TOQUIO, 3.—A Domei anuncia que nenhum telegrama oficial confirmou a noticia que dizia que Oscar Trautmann, embaixador do Reich na China, teria oferecido a Chang-Kai-Check servir de medianeiro entre a China e o Japão. O informador do Ministerio dos Negocios Estrangeiros declarou á imprensa que se aquela noticia fôsse verdadeira, o Gaimusho não deixaria de ser informado a esse respeito.—(Havas).

A EUROPA EM ARMAS

O esforço gigantesco da Gran Bretanha

para organizar, em terra, um exercito eficiente

LONDRES, 3.—A proposito da transformação do comando do Exercito, a imprensa é unanime em reconhecer que a reforma se impunha e recebe-a com satisfação.

O «Daily Telegraph» é de opinião que «os novos metodos guerreiros exigem cerebros novos», e sublinha que o acontecimento não tem precedentes, o qual constitui um triunfo pessoal para o ministro da Guerra. Por outro lado, o referido jornal elogia o novo chefe do Estado-Maior imperial em quem, diz, «aquele ministro pode depositar plena e inteira confiança».

O «Times» considera que aquela reforma permite esperar que «os problemas da defesa nacional vão ser examinados por espiritos jovens e mais activos».

O «Daily Express» exprime satisfação, faz votos por que Hore Belisha não fique por ali e preconiza um novo metodo para a instrução do Exercito. — (Havas).

Hore Belisha, ministro da Guerra britanico

Em 15 e 16 de julho realizaram-se ao sul da Inglaterra as primeiras grandes manobras deste ano, pondo em presença a armada de S. M. com a aviação naval, a artelharia anti-aerea e a artelharia de costa instaladas naquela região.

Tratava-se de experimentar o valor dos organismos defensivos numa zona onde se acumulam quatro grandes centros populacionais: Plymouth, Portland, Southampton e Portsmouth.

O marechal do ar, sir Joubert de La Ferté, uma figura prestigiosa que vimos no começo deste ano em Lisboa, vindo de Gibraltar, estava encarregado de garantir a integridade do territorio nacional, para a hipotese de uma derrota da esquadra no alto mar.

Um tecnico militar resumiu assim os resultados a que, no final dessas primeiras manobras, chegou o comando:

«A-pesar do treino revelado pelas unidades territoriais encarregadas da defesa anti-aerea, os pontos atacados não foram prevenidos como seria necessario, acêrca da natureza e da importancia dos ataques lançados do lado do mar».

Em 9 e 10 de agosto, os ingleses voltaram a assistir a manobras militares. O comando organizou-as segundo um plano que consistia em verificar a eficiencia das forças encarregadas da defesa da capital britanica.

O sistema defensivo era constituido por 15 esquadrilhas, totalizando 222 aparelhos, e no ataque tomaram parte 15 esquadrilhas de bombardeamento, com 176 aparelhos.

Resumo das operações, sob o ponto de vista tecnico:

«O sistema defensivo não pôde proteger completamente a capital; 20 por cento dos aparelhos atacantes conseguiram os seus objectivos, realizando 49 «raids» eficazes sobre varias docas, fabricas e bases aereas».

A demonstração, exuberantemente feita da vulnerabilidade do territorio britanico, levou as autoridades militares a reverem todas as suas concepções e a transformarem todos os seus metodos de trabalho.

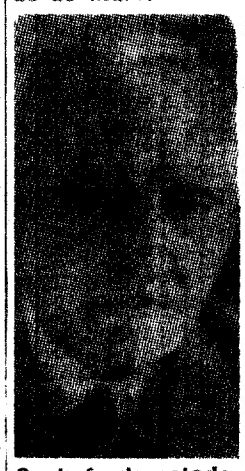
A constituição do gabinete de Chamberlain antecedeu de pouco a realização das duas grandes series de manobras. A Inglaterra, absorvida por um gigantesco programa de rearmamento, entendeu que precisava adaptar ás novas condições da guerra o seu exercito defensivo, em terra.

Confiou essa missão a um homem cujo dinamismo é geralmente louvado: o ministro Hore Belisha.

Os actos do novo ministro da Guerra, traduzindo a sua preocupação de tratar, ao mesmo tempo, as questões de pessoal, intensificando e actualizando as bases de recrutamento, e de material, organizando em larga escala o fabrico de munições, demonstram que a Inglaterra não quere reincidir nos erros que iam comprometendo a sua intervenção na Grande Guerra.

Completando o seu plano de realizações o ministro Belisha acaba de transformar, completamente, o comando, fazendo substituições sensacionais cuja importancia e significado aparecem ainda avolumados pelo caracter tradicional e especializado que justamente se atribui ao Estado Maior britanico.

A Inglaterra preparando-se para todas as eventualidades que porventura possam ser ditadas pelo interesse nacional e pelas suas conveniencias politicas, a ofensiva, no continente, a defesa, nas ilhas, ou a neutralidade, hipotese que é preciso não desprezar e muitas vezes depende do potencial militar da nação empenhada em se manter neutral, prepara um Exercito com todos os seus orgãos.



O chefe do estado maior general, demissionario, major general Cyril Deverell e o seu sucessor, major general lord Gort

Os generais Brooke, novo comandante da Divisão Movel, e Brown, nomeado major general do Exercito territorial

Supersom
— DA —
EMERSON RADIO CORP.
Em Exposição os famosos modelos 1938
Rua da Conceição, 35-1.º

VEEDOL
MOTOR OIL

O melhor Bolo-Rei
PATISSERIE VERSAILLES

Diario de Lisbôa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

Ecos

A grande exposição de Paris terminou. As receitas do ultimo dia—sexta feira passada—foram destinadas á assistencia publica. Apesar da crise economica, que o mundo atravessa, pode dizer-se que esse certame, glorioso para o prestigio da França, notabilissimo como afirmação de beleza artistica e de tecnica cientifica, foi um formidavel exito, mesmo sob o ponto de vista material. Visitaram a exposição trinta e três milhões de pessoas, que deixaram nas bilheteiras cento e cinquenta milhões de francos. Foi no dia 26 de setembro que se atingiu o «récord» das receitas: dois milhões e cento e sessenta mil francos. Visitaram-na seis reis: o gran-duque do Luxemburgo, o rei da Belgica, o da Bulgaria, o do Egipto, o da Grecia, e o da Romania. Sob a sua egide realizaram-se quinhentos congressos. O pessoal da exposição custava por dia cento e sessenta mil francos. O tempo esteve maravilhoso: de maio a setembro a temperatura foi constantemente superior á media dos ultimos trinta anos. Nos seus trinta e três milhões de visitantes, ha que registar cêrca de oitocentos mil estrangeiros, dos quais cento e vinte mil ingleses. A exposição deve ter custado um bilião quatrocentos e cinquenta milhões. A cifra é enorme, mas devem descontar-se as receitas das entradas, dez milhões referentes ao aluguer de exploração de recintos, e, sobretudo, a construção de edificios, pontes, lagos, parques, jardins e urbanização, que não são destruidos, e cujo valor orça por quatrocentos e dezoito milhões. Ha ainda que contar, naquela cifra, os salarios dos operarios, e as pessoas que, no decorrer da exposição, ali trabalharam em diferentes misteres. Só os artistas, á sua parte, perceberam 30 milhões.

Ainda como pormenor: as grandes exposições de 1889 e 1900 foram, respectivamente visitadas por trinta e dois e quarenta milhões de pessoas.

■

As vedetas de Hollywood, a-pesar dos seus ganhos fabulosos, arruinam-se com incrivel facilidade. Não há pé de meia ou conta de banco que resista ás suas loucuras — que são, porventura, o melhor elemento da sua gigantesca publicidade. E' frequente ver artistas passar dum salario de 35 dolares por semana para 3.500 no mesmo espaço de tempo.

A sua proverbial imprevidencia provocou uma nova industria: a da gerencia dos orçamentos dos artistas. Formaram-se varias sociedades, que substituem os clientes, no recebimento dos ordenados, organizando escrupulosamente as suas despesas. Só os gastos necessarios são permitidos; tudo quanto fôr superfluo é cortado cerce.

UMA BIOGRAFIA DOLOROSA

COMO VIVEU E TRABALHOU MONIZ BARRETO

... «Sr. dr. Joaquim Manso. — *Acabo de lêr, no* Suplemento Literario *de 11 do corrente, um apreciavel artigo firmado por Correia da Costa, relativo a Moniz Barreto. Fui companheiro do singular pensador e vivi em sua intimidade amiga durante alguns anos.*

Nascido em Gôa e inditoso de fortuna veio parar a Lisboa, lutando sempre com falta de recursos e debil de saude.

Trazia já bastantes preparativos, muito desejando formar-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

E como para matricular-se carecia de apresentar certidão de exame de Filosofia liceal, frequentou esta aula regida pelo falecido professor Agostinho de Carvalho que, reconhecendo-lhe os seus altos merecimentos e a invulgar subtileza de suas faculdades, lhe votou muita consideração e acendrada estima.

Prestou prova final perante juri presidido pelo dr. José Brás de Mendonça Furtado, sendo seus vogais o dr. Lopes Praça e o professor do liceu de Santarem, Pedro Monteiro.

A sala, na antiga Escola Politecnica, actual Faculdade de Ciencias, encheu-se completamente e o examinando correspondeu á espectativa dos presentes, na grande maioria estudantes, com brilho que lhe mereceu a mais alta classificação.

Recordo-me ainda que Lopes Praça o convidou a ocupar-se do problema da Imortalidade da alma, provocando-lhe uma empolgante exposição dissertativa, com argumentos reveladores de talento pujante.

Infelizmente para ele, a sua situação economica piorou e, para conseguir avançar em seus estudos, valeu-lhe Agostinho de Carvalho que, por seu irmão, Antonio José de Carvalho, secretario do antigo liceu de Lisboa, o colocou na secretaria do mesmo estabelecimento de ensino, obtendo autorização de inscrever-se como aluno do velho Curso Superior de Letras, em que se diplomou, compensando assim, de certo modo, o pesar que lhe ficara de não poder satisfazer a aspiração da formatura em Direito.

Com a modesta retribuição do emprego liceal e com o parco produto de explicações que ministrava sôbre sãoskrito a alguns condiscipulos ou colegas do Curso, ia-se mantendo exiguissimamente por quartos de ultimos andares, preparando por suas mãos as refeições verdadeiramente famelicas, por mais não lhe permitirem as suas receitas precarias.

Depois de concluir o Curso Superior de Letras alcançou lugar na Biblioteca Municipal da rua da Inveja, que procurou tornar devéras valiosa para os estudiosos.

Ignorando o alemão e querendo percorrer nos originais as suas obras primas, sem sobras de réditos para pagar leccionista, fez-se mestre de si mesmo, triunfando no seu proposito, graças ao metodo olendorfico, coadjuvado por dicionarios.

Motivo de doença levou-o ao Algarve, sem larga demora, embarcando posteriormente com destino ao Brasil, na idéa de abraçar o jornalismo com efectividade.

Contudo, não realizando o intento que lhe sorria, regressou á Europa e fixou residencia em Paris, de onde remetia correspondencias regulares para o Rio de Janeiro, nunca esquecendo a Imprensa de Lisboa.

Um dos seus derradeiros trabalhos jornalisticos—A situação em França—*inseriu o* Tempo, *de Dias Ferreira, classificando o autor como «distintissimo publicista» e «abalisado homem de letras».*

Foi na famosa cidade do Sena que o surpreendeu a morte, em 29 de dezembro de 1896, contando pouco mais de 33 anos.

Era dificil no escrever, pois riscava, emendava, tornava a riscar e a emendar, sem jámais se mostrar satisfeito, daqui procedendo certamente a causa principal da sua escassa produção literaria.

Não se limitou esta a prosa docente. A poesia, de caracter essencialmente filosofico, tambem o impressionou, cultivando-a.

Eu inseri, por copia de manuscrito que ele me oferecera, os admiraveis versos—Dialogo na sombra—*em o n.º 759 da ida revista* O Ocidente, *do ano de 1900, transcrevendo-os em 1919, num dos numeros de* A Luz.

Guilherme Moniz Barreto, seu nome oficial de compleição quasi raquitica, possuia um tal sentimento de dignidade, que preferia sofrer fome e carecer de facto, a pedir a alguem qualquer quantia.

Querer acudir-lhe em suas minguas dolorosas constituia tarefa desesperadora, por sua colossal susceptibilidade.

Barreto era uma obra unica, num volume unico.

Daquele quilate ainda não conheci outro exemplar na minha já longa existencia, que supéra os 74 anos.

Jaime Constantino de Freitas Moniz contou-me o seguinte caso curioso, ocorrido ao tempo em que Barreto fôra seu discipulo no Curso Superior de Letras.

Discorrendo um dia na catedra acêrca de frenologos e de antropologia, passeando simultaneamente a vista pelas frontes dos seus alunos, chamou-lhe a atenção a cabeça tipica de Moniz Barreto, que até então lhe passara desapercebido.

Afigurando-se-lhe resguardo de tacanho entendimento nêsse minuto de incidencia, averiguou e verificou, sem grande tardança, que semelhante cabeça, de breves ou acanhadas dimensões, estava longe de definir a ampla capacidade intelectual e os vastos conhecimentos do seu proprietario, minusculo em corpo e de ar doentio.

Aqui tem v. o que a leitura do artigo firmado por Correia da Costa acordou em minha memoria e nesta carta transmito para o destino que lhe aprouver.

Seu admirador

Em 13—XI—937.

F. NORONHA

Premio Goncourt 1937

O premio Goncourt 1936 foi atribuido a Van Der Meersch, escritor belga, pelo seu romance «A Marca de Deus», já traduzido em português. Este ano o premio recaiu sobre outro literato belga: Charles Pilsnier, autor dos «Falsos passaportes». Trata-se dum feixe de novelas, escritas com um tom de grande sinceridade, onde parece identificar-se fragmentos de auto biografia, e casos vividos muito de perto. «Falsos passaportes» gira á volta duma serie de tipos rebeldes contra a pragmatica social, homens sem patria que arrastam uma existencia de luta e de sobressalto, fugidos ás leis, e até mesmo ao remorso dos seus actos violentos. Diz-se, e talvez não seja verdade, que Charles Pilsnier foi agente do Komintern, tendo, porventura, tomado parte nalgumas das suas misteriosas empresas internacionais. Charles Pilsnier afastou-se desse organismo, recolhendo, porém, um admiravel material humano para a elaboração desta sua obra. O concorrente que obteve três votos deve ser M. de La Varande, autor de «Nez de Cuir»

O 1.º centenario da morte de Leopardi

A proposito dum livro de Luigi Tonelli

A actual agitação politica e economica do mundo fornece vasta materia á imprensa noticiosa, mas tambem desvia a atenção publica dos valores espirituais. Por isso, o primeiro centenario da morte de Giacomo Leopardi, o maior poeta da Italia moderna, deixou de ter o relevo que lhe cabia, até mesmo no seu pais natal. A sua obra não envelheceu, continua a guardar com intacta magia os acentos mais vivos da eterna dôr humana, a dôr da mediocridade impotente da condição humana.

Contudo, ainda mal propiciados pelo ambiente, os historiadores da literatura não deixaram passar despercebida essa data e muitos livros publicaram de critica estetica, biografia, erudição bibliografica e anecdotica, tendentes a tornar mais exactamente conhecida e interpretada a figura genial do poeta de Recanati.

A obra lirica, de que lhe adveio a gloria e a influencia profunda sobre o mundo literario, é breve: ele apenas considerava dignos de publicação e leitura a quarenta e cinco dos seus cantos. Mas as traduções das linguas classicas, os dialogos e os estudos filosoficos e a correspondencia epistolar formam volumes de abundancia surpreendente, quando se recorda que o poeta morreu sem cumprir os trinta e nove anos. Sobre toda essa obra se projectou a luz gloriosa irradiada dos Canti *e a alvoroçada curiosidade de conhecer tudo que fôra material de experiencia para quem gritára a dôr do homem com eloquencia suprema.*

Na imensa bibliografia critica leopardiana, engrossada agora com o motivo do centenario, destaca o livro de Luigi Tonelli, Leopardi, *um espesso tomo de cêrca de meio milhar de paginas, editado pela casa Corbaccio, como volume inaugural da sua colecção de* Cultura contemporanea. *Tonelli é um critico eminente. Tem feito romance e teatro com brilho, mas o relevo principal no conjunto da sua obra variada é a critica da literatura moderna, não só como criação de novos valores esteticos, mas tambem e talvez dominantemente como expressão psicologica de inquietações e de crise da personalidade. Soldado da Grande Guerra, recebeu em cheio o choque da primeira causa violenta da crise contemporanea; e, para se documentar, tem feito excursões demoradas pela cultura francesa e pela alemã.*

O volume, com que memorou o centenario de Leopardi, é o que se chama na giria dos eruditos «uma obra exaustiva». Ao leitor, um pouco inteirado dos problemas leopardianos, ele dará a sensação de haver esgotado a materia, porque utilizou todos os materiais acessiveis — e imensos são eles—e porque se adentrou neles com uma inexcedivel identificação.

Depois de passar em revista, numa eruditissima introdução, toda a critica leopardiana, declara o seu proposito de tentar obra nova: reconstruir a personalidade de Leopardi, seguindo o seu desenvolvimento através da vida e da obra, sem separar uma da outra, mas subordinando a vida á obra, porque a vida vale em função desta e esta é a sua flor mais preciosa. Depois, historiando com minucia a biografia do poeta excelso, marca-lhe as «étapes» pelos reflexos que teve na obra, a qual é assim explicada nas suas mais intimas e mais determinantes raizes, com saber profundo e criterio agudissimo. E fecha com uma conclusão magistral sobre a personalidade de Leopardi, que deveria ser traduzida pela novidade que comporta, como sintese da evolução do seu lirismo, da sua requintada sensibilidade, receptiva até ao misterio, das suas idéas de moralista e de psicologo e do seu cristianismo sem fé. Para Tonelli, o pessimismo de Leopardi era verdadeiramente um preliminar da fé. Tem ainda ensejo de esboçar as direcções principais da fortuna de Leopardi através das literaturas europeias.

Nestas paginas terminais, Portugal não é lembrado, como não foi na bibliografia de traduções que em Madrid publicara Romero Martinez. E deveria sê-lo, não pelas contribuições criticas (neste momento apenas nos ocorre um artigo de Pinheiro Chagas de 1864!), nem pelas traduções para português, mas pela continuidade do espirito leopardiano, que a dentro da lingua portuguesa encontrou expansão plena.

Na historia da expressão literaria do pessimismo, com revolta ou sem ela, com fé ou sem fé, mas com genio, ha três momentos augustos: o Livro de Job *do* Velho Testamento, *os* Canti *de Leopardi e os* Sonetos *e mais poemas de Antero de Quental, sobre todos esse incomparavel* Hino da Manhã.

O grande critico italiano, autor do volume opulento que nos fez recordar o centenario do poeta de La Ginestra, *excedeu em amplitude e intimidade os mais autorizados especialistas leopardianos.*

No pais vizinho a curiosidade pela poesia de Giacomo Leopardi não cessara. De algumas das suas obras primas se haviam feito traduções modernas e delas espontaneamente se tinham deixado tentar penas das mais ilustres. La Ginestra *teve em Unamuno um dos seus mais felizes interpretes. E não haveria algum laivo de espirito leopardiano no pensador do* Sentimiento tragico de la vida?

Qual o poeta português moderno que nos queira dar uma interpretação de La Ginestra *na lingua de Antero?*

«S. BANABOIÃO ANACORETA E MARTIR»

Uma entrevista com Aquilino Ribeiro

O que é o seu novo romance

Aquilino Ribeiro é uma das mais belas colunas da literatura portuguesa. Coluna rude, gretada pelo tempo—que ele gosta dos assuntos retrospectivos e de modelar as almas bravias da montanha—em cujos capiteis surgem, embiucados, faunos e sylvas, carantonhas do diabo e asas de anjo que, a caminho da promissão, desceram um instante sôbre a terra. Um canteiro dos tempos goticos das catedrais, não faria melhor na pedra do que Aquilino faz na nossa lingua, abrindo os seus veios mais classicos. O autor da «Via Sinuosa» tem para breve um novo romance: «S. Banaboião, anacoreta e martir», que é, segundo ele, o eterno conflito entre o bem e o mal, através de deliciosas invenções—que dão o fio novelistico da obra. Como repartir o volume? Arte e humanidade. E a atitude do autor? Nem como Voragine, nem como Voltaire. Mas o melhor ainda é depôr no pretorio da critica, confiando ao publico o lugar de delegado do Ministerio Publico. Tem a palavra o reu,

—Não, de modo algum se pode chamar ao «S. Banaboião» um capitulo novo dos Bolandistas, embora o protagonista esteja trespassado daquele espirito de humildade perante a existencia, daquela candidês que, ainda vergando sob o pecado, jamais perdia a brancura que lhe era propria, dotes raros do verdadeiro servo de Deus.

—Mas a que obedeceu a composição dum livro de tal natureza em epoca tão afastada do clima que deu nascença e fez enxamear anacoretas e martires?

—O entendimento sonha e nesta obrinha segui as veredas do entendimento abstracto, ia a dizer distraído. Em verdade, não tive proposito especial em vista...

—Alguem queria descortinar pelo titulo, é certo que nada mais que pelo titulo, certa directriz espiritual, ainda não trilhada...?

—Gratuitamente. Escrevi o meu «S. Banaboião» sem mais adesão interior que a do imaginario ao santo que esculpiu no bloco de madeira.

—Outros esperam o faceto... ou, pelo menos, a obra de contexto ameno e malicioso, genero Anatole France...?

—Tampouco. Nada mais digno de respeito que a singeleza da alma e a austeridade de principios praticados em nome da Divindade. Não, não. Sôbre a Tebaida alumiava uma estrela, que ainda lá deve estar e olhos humanos não podiam fitar sem ofuscação. Mestre Anatole não foi para aqui chamado e muito menos aqueles impiedosos sacripantas que andaram de sorriso ironico nos labios a colher as rosas estranhas do «Flos Sanctorum». Pouco mais longe vou do que ser cronista dum daqueles servos de Deus que apareciam em épocas anuviadas e com o mundo doente, dir-se-ia, para que na terra houvesse fanal que não deixasse sossobrar tudo em escuridão espessa. Alguns julgavam-se investidos de missão sobrenatural e Deus lhes terá perdoado tal presunção. Agora note: o homem apenas interessa á arte quando em crise. A acção do meu livro gira á volta do duelo, que nunca terá fim, entre o espiritual e o humano, e é as fases e vicissitudes de tal peleja que me demoro a descrever.

—Isso ou a dualidade bem e mal?...

—Bem e mal são os fulcros da teoria da Revelação. Não vou tão longe. Antes a antinomia entre temporal e eterno. A Igreja com os seus articulados, os seus dogmas, a sua hierarquia, não figura no meu livro. A religião, no que ela pode oferecer de filosofico ou moral, muito menos. O problema é todo extrinseco. Apenas me ocupou o debate, repito, entre o humano e espiritual no que têm de imperativo e requintado, vistos no individuo, celula da cristandade.

—Portanto nada de teses?

—Nada de tese. Chama-se «S. Banaboião», «santo», porque a mistica popular assim denomina aqueles que pelo fervor e elevação dão forma á-parte á pratica religiosa, «Banaboião» em sinal de singeleza, indicativo de alma inocente, gata-borralheira do amor divino, como aqueles franciscanos que para deslustre da sua condição de pecadores se faziam chamar «Pécorellas», isto é, ovelhinhas. O meu «S. Banaboião» é uma especie de Frei Ovelhinha, abocanhada em certa altura pelo lobo, e salva, naturalmente salva pela misericordia de Deus que dizem ser infinita. Aqui está.

Ecos

Os ranchos regionais, com a sua indumentaria, o seu pitoresco, o seu lirismo, vieram, fixar o folclore da provincia portuguesa, que estava em riscos de desaparecer. Lisboa tem recebido, por varias vezes, essas embaixadas populares, lição salutar de alegria, de beleza, e de puro nacionalismo que a tem concorrido em festas de deslumbrante encantamento. Isto vem a proposito do «Cancioneiro dos Ranchos e das Fontes, de Folgozinho» que agora recebemos, e cujo produto se destina aos pobres daquela localidade. E' uma obra extraordinaria de lirismo popular, onde há como que milagres de emoção, de sentimento e de interpretação panteista da natureza. As vezes rudes da montanha dir-se-ia que se amaciam cantando, sussurrando num lirismo duma polifonia musical. O cancioneiro contém mais de quatrocentas quadras, maravilhas de expressão, diamantes lapidados pelo sol, que bem merecem ficar no escrinio duma antologia. Algumas delas pertencem á sr.ª D. Clotilde Bataglia Ramos.

■

Nem sempre, infelizmente, nos chega ás mãos a excelente «Broteria», notavel publicação de cultura literaria, que bem merece a estima dos intelectuais portugueses. O numero que saiu agora condensa um admiravel sumario, do qual destacamos: «Psicanalise e Freudismo», de Antonio Pinto de Carvalho; «A antropofagia dos indios do Brasil», de Serafim Leite; «A mensagem poetica de Carlos Eugenio Paço de Arcos», de Dias de Magalhães; «A dupla moral de Bergson», de Diamantino Martins; «Contribuição para o estudo da psicologia de el-rei D. Duarte», de Faria de Vasconcelos; «Vitaminas e Bio-quimica», de J. B. Mendes de Sousa; «Da China antiga e da guerra», de Mario Martins; «A situação religiosa da Russia», de Rita Leça, etc.

■

O distinto jornalista Antonio Lopes publicou agora um interessante volume denominado «A China e os chineses, vistos por um português». E' uma obra de admiravel oportunidade, que tem o valor dum documentario vivido e observado com sinceridade. Antonio Lopes compreendeu e amou o oriente. «A China e os chineses» deve considerar-se uma excelente obra de reportagem, pelos preciosos elementos de informação que encerra. Numerosas gravuras enriquecem a edição da Livraria Popular.

■

O camelo deixou de ser o grande caminheiro do Sahará. A «camioneta», com seis rodas, luxuosa e confortavel, substituiu-o nas grandes sendas monotinas do deserto.

O tenente-coronel Carbillet acabou de fundar agora na cidade de Ouarglia um museu destinado a recolher as recordações historicas e as colecções etnograficas que se relacionam com o Sahará e, especialmente, as que dizem respeito ás regiões do Hoggar, Tassilli e Afers.

Respondem os criticados...

"O genio de Vila Moura"

Com o pedido de publicação recebeu o nosso director, sr. dr. Joaquim Manso, a seguinte carta:

«*Meu caro João Gaspar Simões:* Li a sua pagina de critica do dia 25 com o interesse costumado, sobretudo nas considerações gerais que desenvolve acêrca dos directores do pensamento e, particularmente, do pensamento literario. Mas tive uma grande surpresa com a parte consagrada ao meu livro «O genio de Vila-Moura». E, embora todas as surpresas sejam coisas que se não esperam, digo-lhe que esta foi mais inesperada do que qualquer outra. Depois do trabalho tão especial, tão á-parte que eu realizei sob a interpretação, propriamente, da obra de Vila-Moura, fez-me uma surpresa extraordinaria que o meu caro amigo se tivesse dirigido aos trabalhos deste artista, referindo apenas as minhas conclusões, aproveitando as minhas paginas de interpretação e as minhas paginas de emoção que lhe agradaram e caprichosamente pusesse de parte um sistema largo e solido de principios que eu levei muitas horas a construir antes de fazer o exame critico que me decidi a confiar ao publico. Porque é necessario que o publico saiba: o meu bom amigo transmitiu aos seus leitores a emoção que eu consegui transmitir-lhe em algumas passagens e algumas conclusões sôbre Vila-Moura que lhe agradaram numa parte e que lhe desagradaram noutra parte. Porém, o corpo fundamental da obra creio que a fez passar por uma porta demasiadamente baixa de maneira que chegou ao seu gabinete de trabalho sem a parte do meu trabalho que é verdadeiramente nova e verdadeiramente para considerar. Esta parte é natural que o meu bom amigo não a tenha distinguido bem, porque não tem relação com nenhuma das bases da sua cultura pessoal nem com o seu metodo de trabalho. Mas eu não a posso deixar decapitar sem gritar em seu nome pela cabeça que lhe cortaram. E' preciso que eu lhe diga que não pretendo estabelecer controversia sôbre este assunto e que não penso escrever mais uma linha sôbre a saude do meu decapitado. A minha verdadeira resposta, á-parte o esclarecimento que fica em cima para o meu amigo e para o publico, consiste nas palavras seguintes. Mais tarde, a-par de outras obras propriamente de imaginação, terei o prazer de oferecer-lhe como hoje a organização definitiva duma teoria estetica da qual neste momento apenas dei uma aplicação ao fim especial a que me dirigia. Então, o meu bom amigo verá que os principios completamente sistematizados, que encontrou no meu livro de hoje, tinham um fundamento tão profundo que não deviam ser descolados do resto da obra, quando ela embateu contra a sua porta. Então, é natural que se arrependa de os ter posto insensivelmente de lado, e, embora eu não seja propriamente um astrologo, é natural que seja obrigado a meditá-los porque não poderá passar além sem os vencer. De resto, meu amigo, nunca esquecerei os seus votos e vaticinios sôbre a minha carreira, e sou o seu admirador sereno e leal,—*João Alves*. Lisboa, 26 de Novembro de 1937».

Escreve o sr. Alvaro Pinto

«*Presado sr. dr. Joaquim Manso:* O sr. J. G. S., criticando, em termos que não desejo imitar, a minha carta publicada no «Diario de Lisboa» de 22, concluiu:

1.º—Que se chama recoveiro ao ingenuo que pede a um amigo tenha a gentileza de oferecer um livro a um terceiro e, depois de satisfeito o pedido, ainda tem a amabilidade de o entregar a esse terceiro.

2.º—Que não tenho autoridade intelectual para classificar os juizos criticos dele.

Quanto á nova acepção da palavra referida —talvez possa interessar os dicionaristas, se a julgarem elegante e justa.

Sôbre autoridade intelectual, nem sou eu que ma posso atribuir, nem o sr. J. G. S. que ma pode tirar.

Em 30 anos de editor e director de revistas literarias, em Portugal e Brasil, recebi inumeras e calorosas provas de consideração, expressas em artigos, cartas e dedicatorias, assinadas por nomes como Teofilo Braga e Coelho de Carvalho, Unamuno e Edgar Prestage, Rui Barbosa e Afranio Peixoto, Malheiro Dias e Vila-Moura, Jackson de Figueiredo e Ronald de Carvalho, Tristão de Ataide e Tasso da Silveira, Aquilino Ribeiro e Carlos Selvagem, Antonio Sergio e Mendes Correia, e outros, muitos outros igualmente ilustres.

Creio que isto significa alguma coisa. Como, porém, os actos valem mais que as palavras e as presunções, brevemente terei reorganizada a Revista que fundei há 27 anos e então disporei de nova autoridade e do espaço necessario para apreciar os pontos de vista do sr. J. G. S.

Seu muito grato e admirador, *Alvaro Pinto*».

"DIRECÇAO PROIBIDA"

O relatorio de Eva no Paraiso

Nelson de Barros vem agora enfileirar na reduzida hoste dos humoristas nacionais. Em Portugal, pode dizer-se, são raros os que fazem literatura sorridente, alegre, agradavel, com certa malicia, sem o peso do acinte ou o veneno da maldade. Este livro de Nelson de Barros e de Eduardo Faria, o primeiro escreveu e o segundo desenhou, da mais estridula fantasia, deve causar sensação. Imagine-se, alinhados numa barraca de «pim-pam-pum», os velhos conceitos e figuras da literatura. Os dois autores, com uma inofensiva espingarda de pressão de ar, carregada de chumbos, vão, sucessivamente, desfechando sôbre os bonecos de zabugo e os motivos de heraldica da nobre arte de escrever. Metem-se com tudo, e com todos, aproximando-se da maneira de escrever dos consagrados e dos neofitos da coisa literaria, tal qual fossem eles, ou melhor ainda, discutem Homero e não sabemos se Valery, mas é possivel.

«Direcção Proibida», é ante-camara das letras nacionais, graça não lhe falta e para prova ides ler este capitulo, que é uma verdadeira chuva de ironia:

O Criador, talvez por não ter ainda conhecimento das vantagens sociais da semana inglesa, só descansou ao setimo dia, a contar da manhã de todas as manhãs. Ao sexto dia, enquanto o Pai dos Homens dormia a sesta sôbre a relva fragrante do Jardim das Delicias, arrancou-lhe Jéovah uma costela torta,—e fez Eva, a Primeira, a das ancas fecundas e dos caprichos insondaveis. Foi a primeira vez que o homem se deixou dormir na vida, e caro pagou o descuido imperdoavel. Eva apareceu no Paraiso com a mesma função de certos tios nas comédias em três actos: Para complicar os enrêdos...

Muito se tem dito acêrca do Pecado Original e quasi nada se sabe. Tambem não é preciso. O acontecimento do vigesimo quinto ano da Criação, quer na pureza duvidosa da lenda, quer, se alguma vez lá entrar, nas convicções fundamentadas da Historia, que é a lenda já senhora do seu nariz, será sempre misterioso e obscuro, porque é eternizado com a mesma inconsciencia dêsses tempos em que os astros rolavam sem harmonia num ar ainda não purificado, em que o sol mal firme procurava um destino cotidiano para a sua radiancia, e em que os rios pediam um leito que os tremedais genesiacos lhe negavam.

O que se sabe, e é moderna esta aquisição da Ciencia, é que Eva, enquanto esperava com eficaz paciencia que o Pai dos Homens désse a dentadinha pecaminosa na maçã edénica, fez um *Relatorio* das suas impressões. São dêsse *Relatorio* as paginas que, a seguir, transcrevo, com uma fidelidade digna de um *bull-dog*.

Relatorio de Eva

Domingo—Tenho quasi um dia e só o vi ainda uma vez. Que bicho esquisito é o homem! Se calhar, aquelas barbas compridas são para impôr respeito á gente. Estás com uma pressa! Ainda hoje eu disse á mulher do orangotango: «Olhe, minha amiga, eu posso morrer solteira, mas um homem como aquele, peff, nem doirado o queria!». E não. Ha lá alguma coisa que pague a nossa liberdade?!

Todo este mundo me parece feito muito á pressa; umas montanhas mais altas do que outras; arvores altas com frutos pequenos, arvores baixas com frutos enormes; um sol que desaparece quando faz mais falta, quero dizer, quando está tudo ás escuras; ha mesmo como que uma tristeza neste ceu de algodão em rama, todo furado de estrelas.

Hoje, comi frutos, bagas e raizes. Escutei arias de passaros, espreguicei-me na frescura das relvas e deteve-me a contemplar a paisagem loira e ondulante das espigas que amaduram. A agricultura no Paraiso está muito desenvolvida, devido á *campanha do trigo* que Jeovah organizou para este ano.

Pressinto que seu uma experiencia, e desgosta-me esta idéa de ser a cobaia do Criador. Mas, como sou bonita, tenho fé. Porque eu sou bonita! Vi-me num regato, e achei que não sou peste nenhuma. Tenho talvez um pouco de pêlo a mais, mas, em compensação, não trago no ventre essa dedada feia da imperfeição que se chamará umbigo; e Adão tambem não deve ter. As mãos divinas não deixam costura.

Pois o tal senhor bicho-homem saiu-me um bom toleirão; que eu, cá por mim, não lhe ligo nenhuma, isto é só por falar. Mas já pensei que um animal assim não é, com certeza, da minha raça. Ele, afinal, em que se parece comigo? Só se é por andar só com dois pés... Ora, podia muito bem ser um macaco como os outros, mas terem-lhe metido um susto em pequenino, levantar as mãos e ficar assim! Naturalmente foi isso mesmo... Que bicho tão antipatico o tal homem!

Segunda-feira—Hoje, tornou a passar por mim; sem quasi me olhar, resmungou qualquer coisa e pôs-se em cima de uma arvore, a dar gritos á Tarzan. Depois, começou a conversar com uma pêga. Não é porque eu queira saber dele para nada, mas parece mal! Sempre é uma pêga! Estupido, que nem sequer faz a barba, como se no Paraiso não houvesse cerimonia!

Passei a tarde a sensar á volta da minha caverna, uns canteirozinhos com flôres a que eu propria puz o nome de malmequeres, rosas, olaias e outros vegetais que, de colaboração com as andorinhas, servem para ilustrar os bilhetes de boas-festas do Natal. Uma coruja velha que me faz recados disse-me que o homem, quando olhou o meu canteiro, remordeu, muito malcriadão:

—Pieguices! Era melhor que plantasse aboboras!

O' a inferioridade dos animais que nasceram predestinados para comer pevides!

Sexta-feira—Gosto das côres: O azul do ceu, o verde da ramaria, o doirado do sol, o violeta de certos crepusculos perto do mar, o brilho das estrelas nas noites muito calmas entontecem-me estranhamente. Gostava de ser dona de algumas côres assim, mas não consigo; ainda ontem estive a atirar pedras a uma estrela para a prender nos meus cabelos, e não lhe acertei. Talvez por eu ser canhota! Gosto tanto das côres! E Adão tem os olhos azues... E' um brutinho esse tal sujeito. Cada vez simpatizo menos com ele!

Sabado—Faço hoje uma semana e nem um simples postal de parabens recebi, como se o facto não fôsse de consideravel importancia para o futuro da humanidade. Ainda não vi o bicho-homem e não tenho saudades. Não quero saber dele. Tambem quem se lembra de fazer um homem da mesma massa do Zé Povinho das Caldas!... Nem olha para mim. Eu percebo: O palerma não quere que, depois, digam mal dele na Biblia. Ha de ganhar muito com isso!

Sabado seguinte—A coruja disse-me que o Adão recolheu ontem á caverna com uma grande cegonha. Descaradão! Vejam lá se isto são termos de um homem que quere ser o rei dos animais!

Logo de manhãzinha, fui-me sentar num caminho por onde devia passar, quando fôsse para a floresta, á caça do mamute. Passou, viu-me, e disse com uma voz que me pareceu terna:

—Bom dia, minha menina.

—Bôm dia, senhor Adão—respondi eu muito contente.

Sorriu, saltou por cima das minhas pernas que intencionalmente lhe embaraçavam o caminho, e volveu:

—Parece-me que a menina se anda a atirar a mim! Olhe que o Patrão, quando me fez encarregado do Paraiso, disse-me logo: Tu vais para lá, mas não quero poucas-vergonhas com as dactilografas!

E dito isto, Adão começou a perseguir um rangifer.

Fiquei tão danada que comecei a bater com duas pedras uma na outra—e descobri o lume!

(a) *Eva.*

NELSON DE BARROS

VIENT DE PARAITRE

"Chama Inquieta"

Poemas de Maria de Carvalho

Maria de Carvalho é um nome ilustre das letras. Não porque se trate duma senhora, embora essa condição realçada pela sua aristocracia mental lhe desse jus a todas as homenagens, mas porque é de facto alguem, que tem honrado o pensamento português, com notavel brilhantismo. A sua verdadeira zona literaria—é a poesia. Versos nobres, castigados de emoção, que reluzem uma alma delicada, orgulhosa da sua sinceridade, e sempre estremecendo o que há de mais puro e amoroso na vida. O seu novo livro intitula-se «Chama inquieta». E', de facto, aquela chama espiritual que cresce até ao clarão das estrelas, e mesmo quando sacudida pelo vento da tristeza, resiste, queimando o oleo sagrado da esperança cristã. De «Chama inquieta» destacamos, ao acaso, estas composições.

UMA HORA

Só uma hora vale em cada vida,
Só uma se recorda — má ou boa —
Só uma se maldiz ou se abençôa,
Só uma foi contada ou foi perdida.

Só uma hora existe que decida
Tudo o que nos encanta e nos magôa...
Só uma nos condena ou nos perdôa,
Só uma é entre todas definida.

Feliz o que, seguindo estrada fora,
No doce amanhecer daquela hora
Vê despontar o sol da vida inteira...

Felizes os que podem ao sol-pôsto
Recordá-la sem pejo e sem desgôsto
E rever-lhe o fulgor de igual maneira.

AO MENOS...

Desejei ser o teu contentamento,
O teu sorriso, o bem da tua vida;
Desejei ser a imagem preferida
Que enchesse com amor teu pensamento.

E apenas fui o rápido momento
Que se apagou na bruma indefinida...
Fôlha sêca do tronco desprendida,
Arrastada e desfeita pelo vento!...

E apenas fui o sonho vago, incerto,
A lágrima na areia do deserto,
Que se esquece depois nas alegrias...

E nesta solidão, nesta crueza,
Quisera eu ser, ao menos, a tristeza
Que te ensombrasse a luz todos os dias.

MARIA DE CARVALHO

OS LIVROS DA SEMANA

E' preciso não ter receio de insistir: a literatura é uma forma de realização da personalidade. Isto que aqui tem sido dito de varias maneiras e em varias circunstancias ocorre-me sempre que tenho debaixo dos olhos obra literaria em que sinto não ver realizada essa missão ou finalidade da literatura. Pois que será literatura—poesia ou prosa—caso não seja uma forma de realização da personalidade?

E' certo que dentro deste conceito ha lugar para muita forma de realização. Mas, por isso mesmo, visto que nele cabe um sem numero de maneiras de o homem a si mesmo se realizar é que se não explica que a literatura seja utilizada sem esse escopo.

«Si la littérature doit à la vie son contenu, la vie doit à la littérature sa survie, lui doit cette imortalité qui ne s'arrête qu'au seuil de l'éternel, cette imortalité au delà de laquelle c'est la vie éternel qui commence». Estas palavras, escritas por um dos maiores criticos franceses contemporaneos — Charles Du Bos —, têm uma ressonancia profunda. E se se não fala aqui em realização da personalidade é porque os fundamentos metafiscos da personalidade humana são para Charles Du Bos de essencia divina. A Unidade, para ele, realiza-se em Deus. Mas para aqueles que não *querem* ou não *podem* dar origem divina á personalidade, a literatura — a arte, de maneira geral —não é senão esse aspirar á Unidade essencial á natureza humana. De facto, como dar á vida um cimento eterno sem lhe dar préviamente uma estabilidade temporal? O homem que escreve procura, sem dar por isso, fixar para a eternidade uma imagem da sua propria natureza instavel. A vida é por natureza fluida, inapreensivel. Quem diz a vida em sentido total diz a vida em sentido individual. Logo, se a vida se não pode a si mesma conhecer e fixar, haja quem dela seja capaz de reter uma imagem. Essa imagem será como que uma promessa de eternidade para o que por essencia é temporal.

E' claro que ainda hoje é mal compreendido have quem da arte queira fazer uma especie de religião. Os espiritos superficiais são incapazes de ver o que se oculta, muitas vezes, por detrás de certas formulas demasiado simples. Por isso não procuram saber o que por religião da arte se entende. Se o tivessem feito, teriam compreendido que esta palavra *religião* aplicada á arte tem de ser interpretada á luz do seu sentido etimológico. Em latim o verbo *religo* significa *ligar, apertar bem.* Religião quere dizer, de certo modo: acto ou acção de ligar, de relacionar. Por isso se pode dizer que espirito religioso é aquele que procura ligar-se a qualquer coisa — a alguem.

Tendo esta idéa em mente, não é dificil olhar-se de maneira menos superficial para quem da arte pretenda fazer uma religião. Pois como ha-de um artista encontrar a Unidade fora de si mesmo, fora da propria literatura — da propria arte? Religião significa, para o artista: *ligação, unificação da personalidade. Apertar bem* os laços multiplos e flutuantes do ser em torno de qualquer coisa que lhe dê a consciencia do estavel — do eterno — eis o escopo de toda Grande Arte.

* * *

Ramiro Guedes de Campos publicou um volume de poemas com o titulo *Portugal* (Editorial Imperio). E' facil, depreender do titulo tratar-se de uma obra de exaltação da patria portuguesa. De facto, pode dizer-se que Guedes de Campos pretendeu comentar em verso a historia de Portugal. *Portico—Marcha Triunfal. Livro Primeiro—A Raça. Livro Segundo—Os Génios.—Os Padrões.—Os chefes. Final.—Credo da Nova Geração.* Eis as grandes divisões da obra.

Fieis ao nosso principio de que a arte é uma forma de realização da personalidade, não podemos excluir da personalidade humana um sentimento tão natural como é o sentimento patriotico. Um poeta pode procurar a expressão de sua verdadeira personalidade—da sua realidade pessoal—através de qualquer sentimento primario da personalidade humana. Aqui está pois como Ramiro Guedes de Campos podia ter realizado através de uma obra de matriz patriotica uma acção de unificação pessoal. O homem procura eternizar-se definindo-se. Definir-se um homem como filho de uma patria cara é definir-se.

E' justo lembrar aqui o nome de um poeta que em nossos dias foi talvez o primeiro a tentar essa forma de realização pessoal. Refiro-me a Fernando Pessoa. *Mensagem* é uma das poucas obras portuguesas em que um poeta procurou definir-se em face do destino da Patria. Fernando Pessoa, pela coerencia profunda que regia todos os seus actos de artista aparentemente incoerente, sonhou sempre com *O Quinto Imperio.* Ora para Fernando Pessoa sonhar com *O Quinto Imperio* era pensar assim:

Triste de quem vive em casa,
contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer da asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

PORTUGAL
poemas por RAMIRO GUEDES DE CAMPOS
JARDINS SUSPENSOS
por PEDRO HOMEM DE MELO

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz—
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no adro
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,
Europa—os quatro se vão
Para onde vai toda idade
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?

Neste poema está encerrado o sentido que animou Fernando Pessoa a compôr a *Mensagem. Ser descontente é ser homem*—diz ele. E' no descontentamento intrinseco á alma humana que nasce a idéa de aperfeiçoamento. Para Fernando Pessoa, Portugal não tinha realizado ainda a sua missão: Portugal *não se tinha realizado.* Isto é: *Mensagem* é a obra de um poeta que espera. Esperar é a essencia de toda a vida que ainda não deixou de ser humana. Mas se ha poetas para quem a realização pessoal—esse escopo de quem se sabe imperfeito *(Triste de quem é feliz!)*—é de ordem puramente psicologica, outros ha para quem ela é de ordem colectiva. Fernando Pessoa era um destes poetas. Ou não fosse ele, quem isto escreveu: «A exaltação e sublimação do instinto de patria são fenomenos inensinaveis em sua substancia: ou temos naturalmente o sentimento patriotico, ou o não temos». Ele tinha-o. Tinha-o e sabia-se dele possuidor. *Mensagem* é por isso mesmo um livro absolutamente logico dentro da obra de Fernando Pessoa—absolutamente logico e absolutamente poetico. Não cabe aqui discutir se o é menos do que qualque outro.

Tudo isto não passa de um introito a esta pregunta dura mas necessaria; será *Portugal* um livro absolutamente logico dentro da obra futura—Guedes de Campos, que eu saiba, não tem qualquer outro publicado—de Ramiro Guedes de Campos?

Receio responder a esta pregunta. Para o fazer precisaria de conhecer melhor Guedes de Campos. Isto é: precisaria de conhecer outras obras suas. Todavia, atrevo-me a dizer que não descubro em Ramiro Guedes de Campos substancia de poeta. Ramiro Guedes de Campos é um versificador de grande talento (refiro-me á obra que conheço, claro)—mas não aquilo a que se costuma chamar um poeta, isto é, alguem que se procura realizar por meio da poesia.

Poderei eu provar o que afirmo? Não deve seir facil. Vejamos: muitos dos poemas de Guedes de Campos são feitos com intenção de —empreguemos o termo francês, visto não termos outro que o substitua—com intenção de *pastiche.* Quando não são *pastiches* confessados, como o *Alto dos Aitos* ou o *Canto XI dos «Lusiadas»* são *pastiches* indirectos, como *Carta do Imperio, O Sermão, O Cantar de Amigo.*

Entenda-se bem o que eu quero dizer. Guedes de Campos não compôs *pastiches* inconscientemente. Pelo contrario—fê-los com toda a consciencia. Ora que é *pastiche?* Por definição, *pastiche* é uma obra feita para *fingir* haver sido composta pela mão daquele de quem se *finge,* o estilo. Ora se é certo poder-se revelar neste genero de exercicios grande talento literario—é o caso de Ramiro Guedes de Campos—a verdade é que uma tal tarefa releva de um dominio da personalidade completamente estranho áquilo a que podemos chamar genio artistico. Os elementos de que se lança mão para mimar um estilo alheio são de ordem meramente imitativa. Ora não ha nada mais estranho ao genio do artista—aquele caminhar para a expressão de dentro para fora, caminhar cego, mas inflexivel—como este contornar de uma imagem feita —este caminhar de fora para dentro na expressão. Podia, pois, Guedes de Campos haver-se erguido á personalidade de um Gil Vicente, tal como o faria um dramaturgo ou um romancista que pretendesse fazer falar Gil Vicente, personagem de um drama ou de um romance seu, sem descer ao *pastiche.* Foi o que fez Fernando Pessoa. Fê-lo, por exemplo, neste poema—*D. Duarte, rei de Portugal:*

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo,
A regra de ser Rei armou meu ser,
Em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza tal vivi.
Cumpri contra o Destino o meu dever.
Inutilmente? Não, porque o cumpri.

Guedes de Campos não o quiz fazer. Por isso teve a coragem de se apresentar continuador de Camões. O seu *pastiche* do *Final do Canto XI do poema «Os Lusiadas»,* conquanto trabalhado com maestria, representa uma audacia de certa gravidade. Pelo menos uma daquelas audacias que nos fazem recear que Guedes de Campos não seja poeta.

Mas ha uma coisa curiosa a observar no dominio do *pastiche.* Ha casos em que o trabalho de imitação de estilo de um poeta ou de uma época se pode erguer quasi á altura de uma criação. Dá-se isso quando o *pastiche* é de intenção ironica. Tal sucede com os dois poemas de Guedes de Campos intitulados *Do Seculo XVIII—O Marquês de Pombal* e *Do Seculo XIX—Mousinho.* Ha neles, sobretudo no segundo, uma graça e um sentido de observação, cheios de encanto. *A Inauguração,* sub-titulo desse poema, descreve a inauguração de uma estatua em pleno seculo XIX. Desde o ritmo, que lembra o das polcas, á descrição realista do quadro, tudo evoca simultaneamente a epoca pintada e a distancia que dela nos separa. E' mesmo a distancia que cria, por assim dizer, a beleza do quadro. Aqui o processo é quasi pessoal. Quem nos diz que Guedes de Campos não seja um poeta da caricatura, uma especie de aguafortista dos costumes burgueses? Esse poema, para mim dos melhores do livro por ser dos poucos pessoais, dá-nos um lamiré da personalidade possivel de Guedes de Campos. Ouçamos alguns versos:

Lá na publica praça chamada
«Luz do Seculo» (lêr XIX)
Já dos trens se apeou a enfaixada
Comissão que os festejos promove.

Sobem no ar chuviscosos os foguetes.
Oh! Que mastros! Que lindos florões!
Dão a côr local os lacetes
Das bandeiras das Associações.

Já a tropa desfila com banda.
Subversão! Sobe um viva á Republica!
Mas de pronto a arruaça debanda.
Torna á paz a Real Praça Publica.

Para longe sociais sobressaltos!
Qual farois em maciços ilheus,
Os Principios repousam nos altos
Chapeus altos, em mar de chapeus.

Por esse caminho talvez Guedes de Campos se venha a revelar poeta. Por agora, revelou-se apenas um talentosissimo verificador.

* * *

Ha a estudar um aspecto curioso da nossa poesia contemporanea. Seria bem util saber-se como se têm fundido ultimamente certos elementos de uma poesia tradicional encarnada em poetas como Afonso Lopes Vieira com elementos de uma poesia criação recente—a poesia de Teixeira de Pascoais. Não ha duvida de que têm aparecido alguns poetas em cuja obra se funde aquela especie de naturalismo historico (perdôe-se-me a improvisada designação) caracteristico da poesia de Lopes Vieira e o misticismo pateista caracteristico da poesia de Teixeira de Pascoais.

Pedro Homem de Melo revela-se neste seu segundo livro *Jardins Suspensos* (Edição *Maranus)* um desses poetas em que se opera a fusão. Antes dele, embora com caracteristica mais moderna, já Fausto José e Francisco Bugalho, por exemplo, haviam revelado a mesma tendencia. Não ha duvida: Pedro Homem de Melo é um poeta. E um poeta que sabe jogar com os valores metricos. Mas é um poeta descrente da renovação da propria poesia. Por isso escreveu:

Como hoje, hão de amanhã mil labios namorados
Abrir-se em flor,
E murmurar extasiados
O seu amor.

Como hoje ha de haver palpebras e cilios doiro
Fremontes de alegria
Ao contemplar o efluvio meigo e loiro
Da luz do dia.

Novos poetas
Hão de cantar talvez em dôce engano
Julgando-se profetas
O mesmo ceu, a velha terra, o eterno oceano,

... Mas esta hora que passa tão singela
Nunca será aquela!

Há subtileza nestes versos. Pedro Homem de Melo vê bem como todos os poetas, crentes embora nas suas profecias, acabam sempre por cantar a mesma coisa: o mesmo ceu, a velha terra, o eterno oceano. Daí a descrença de Homem de Melo no progresso da poesia. Mas—e aqui se insere um pensamento profundo, tão profundo que talvez o proprio poeta dele se não tenha apercebido completamente, mas «esta hora que passa, tão singela, nunca será aquela». E aqui, sim: eis aqui o verdadeiro significado da poesia. Para cada poeta ha «na hora que passa» um sentido incomunicavel. E' o incomunicavel—o inefavel—dessa hora que nós consideramos o misterio da poesia—o seu intimo significado. Ora é pena que Pedro Homem de Melo não extraia desta subtilissima intuição a lição que ela encerra. Realmente não é sempre o mesmo ceu, a mesma terra e o mesmo oceano que os poestas cantam—cantam, ou devem cantar, tudo quanto no ceu, sôbre a terra e no oceano se vai passando. Daí a necessidade do evoluir da propria poesia—da expressão com que o homem procura captar esses inefaveis momentos que passam na terra, no mar, ou no ceu. Pedro Homem de Melo é um poeta—um autentico poeta—de olhos fechados á hora que passa.

JOÃO GASPAR SIMÕES

NOVIDADE LITERARIA

Carlos Malheiros Dias
CARTAS DE AMOR
1 volume de 144 paginas. . . . . Br. 8$00

Dr. Oliveira Guimarães
ARTE DE JULGAR
1 volume de 112 paginas. . . . . Br. 5$00

Vasco da Gama Fernandes
O Problema do Extremo Oriente
I—Nótula. II—Recordatório. III—No Tabuado das lutas. IV—O novo martirio da China
1 volume de 120 paginas. . . . . Br. 8$00

José de Esaguy
Cartas do Diplomata
JORGE PEDRO COLAÇO, sobre um Emprestimo de 100 mil pezos duros negociado com o imperador Marroquino Muley Sleiman, por ordem da Junta Suprema do Algarve.
1 volume de 64 paginas. . . . . Br. 10$00

Artur Portela
TUMULTO
(Cronicas da Actualidade)
1 volume de 224 paginas. . . . . Br. 8$00

Remetidos pelo correio, cada, mais 1$00

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
pedidos á
Livraria Portugália
R. do Carmo, 75—Lisboa.—Tel. 2 0791

Esta livraria encarrega-se do fornecimento de todos os livros nacionais e estrangeiros, serviço de encomendas para o estrangeiro, assinaturas, informações bibliograficas, etc., etc.

REMESSAS RAPIDAS PARA A PROVINCIA

Edições da "Renascença Grafica"
RUA DA ROSA, 57, 2.º
Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA ..... 10$00
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO..., por NORBERTO LOPES ..... 10$00
O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES ..... 8$00
PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO ..... 10$00
BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOÃO PAULO FREIRE (Mario) ..... 20$00

Pedidos á Administração do «Diario de Lisboa».